

CENTENÁRIO

Revolução de 1923



e-book

FESTEJOS FARROUPILHAS 2023



GOVERNO
DO ESTADO
**RIO
GRANDE
DO SUL**
O futuro nos une.

Organização:

Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul
e Instituto Histórico e Geográfico do RS

Ficha técnica:

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Eduardo Leite

Secretária de Estado da Cultura

Beatriz Araujo

Presidente da Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas 2023

Gabriella Meindrad

Instituto Histórico e Geográfico do RS

Diretora do Instituto Estadual do Livro

Patrícia Langlois

Edição:

Instituto Estadual do Livro



Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas 2023

Titular/Suplente

1. Secretaria de Estado da Cultura

Gabriella Meindrad Santos de Souza

Aquiles Barboza da Silva

2. Gabinete do Governador

Mateus da Rosa Gomes

Fernanda de Freitas Braga

3. Casa Civil

Ivana Maria Genro Flores

Luiz Cesar Moreira de Campos

4. Secretaria de Comunicação

Lena Ruduit

Luis Fernando Alencastro Maria

5. Secretaria da Educação

Ana Julia Petter

Carla Barbosa

6. Secretaria do Turismo

Gabriel Salvador Fogaça

Edmilson Pelizari

7. Secretaria de Sistemas Penal e Socioeducativo

Paulo Ricardo Javiel Rezende

Rafael Baneiro Victória

8. Brigada Militar

Maj. Roberto dos Santos Donato

Diego Garay Terra - Brigada Militar - Suplente

9. Polícia Civil

Paulo Cesar Caldas Jardim

Daniel de Oliveira Ordahi

10. Corpo de Bombeiros Militar

Ederson Fioravanti Silva Lunardi

Mariana Fighera Marchi

11. Instituto Geral de Perícias

Patrícia Etz

Cintia Ruschel

12. FAMURS - Federação das Associações de Municípios do RS

Vinicius Brito

Ismael Felipe Horbach de Medeiros

13. MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho

Paulo Roberto Matukait da Silva

Edson da Silva Fagundes

14. Prefeitura de Porto Alegre

Liliana Cardoso Rodrigues dos Santos

Renato Wieniewski

15. OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

Karina Contiero Silveira

Ricardo Vogt de Oliveira - OAB - Suplente

16. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação

Eduardo Rogerio Zart

Francisco Paulo Nunes Lopes

17. Secretaria do Esporte e Lazer

Jean Carlo Dias Soares

Rogério da Cruz Silva

18. Piquete Fraternidade Gaúcha GOERGS

Maxsoel Bastos de Freitas

Léo Francisco Ribeiro de Souza

Presidente: Gabriella Meindrad

Vice-presidente: Ivana Maria Genro Flores

Secretária adjunta: Karina Contiero Silveira

MENSAGEM DO GOVERNADOR

UMA HISTÓRIA PARA TODOS

Os Festejos Farroupilhas são uma oportunidade muito especial para aquecer a alma e exaltar a história de um povo que sempre esteve preparado para enfrentar desafios. A edição de 2023 das atividades tem como tema principal o centenário da Revolução de 1923, um acontecimento marcante, que merece este e-book preparado a partir de pesquisa feita pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Trabalhos como este são uma espécie de máquina do tempo. Resgatam personagens e episódios que cumpriram papel relevante na construção da nossa sociedade e na afirmação da nossa identidade. Por estas páginas, fatos do passado são transportados para o presente, fazendo com que possamos melhor compreender as lutas que caracterizam a nossa rica história.

Também é uma oportunidade para refletir sobre o presente. A Revolução de 1923, de certa maneira, é um destes momentos especiais do passado que nos permite interpretar a realidade atual, na medida em que expressou uma profunda divisão da sociedade em torno de pontos de vista antagônicos, que vemos caracterizar o quadro político polarizado dos nossos dias. Claro que 100 anos separam os dois contextos, mas há ensinamentos que os unem.

Percorrer estas páginas é revisitar personagens que hoje são nomes de avenidas e escolas em todos os cantos do Rio Grande do Sul e que precisam ser compreendidos para que possamos também nos entender como povo. Mas também permite iluminar a atuação de mulheres, índios e negros que protagonizaram capítulos igualmente marcantes do mesmo episódio e permanecem esquecidos.

O compromisso do poder público deve ser lutar contra o esquecimento. Recuperar e contar a história de todos, sem exceção, fortalece o tipo de sociedade que queremos, em que ninguém fique para trás, nem em relação à memória. Nos Festejos Farroupilhas deste ano, queremos celebrar toda esta pluralidade da nossa cultura, na qual todos podem ser protagonistas e reconhecidos pelos seus feitos.

Eduardo Leite

Governador do Rio Grande do Sul

MENSAGEM DA SECRETÁRIA

Este *e-book*, que temos a satisfação de compartilhar, é um convite para uma imersão em um capítulo importante da história do Rio Grande do Sul. As informações sobre a Revolução de 1923, nos marcos de seu centenário, resultam de pesquisa documental e iconográfica realizada nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), e fazem alusão ao tema central dos Festejos Farroupilhas de 2023.

Ao estimular o estudo, a pesquisa e a aquisição de conhecimentos, desejamos preservar a memória e destacar a complexidade do tema, dos personagens e dos acontecimentos em seu contexto, lembrando que fatos históricos devem ser compreendidos a partir de múltiplas e contraditórias abordagens. É preciso conhecer diferentes pontos de vista para um melhor entendimento do nosso passado.

Assim como a Revolução Farroupilha (1835-1845), o conflito de 1923 marcou profundamente a história e o imaginário do povo gaúcho, com desdobramentos na formação política e social do Rio Grande do Sul. Em ambos, tão importantes quanto os heróis cujos nomes ganharam a posteridade são os que foram invisibilizados nas narrativas dos historiadores, dentre eles, as mulheres, os negros e os povos originários.

Com essa publicação, tendo como mote os Festejos Farroupilhas de 2023, desejamos celebrar também a pluralidade de ideias e a grande diversidade que constitui e engrandece a identidade cultural do povo gaúcho.

Beatriz Araujo

Secretária da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

MENSAGEM DA PRESIDENTE DA COMISSÃO

Ao longo do tempo, a passagem do 20 de Setembro – que assinala o início da Revolução Farroupilha (1835-1845) – tornou-se uma oportunidade de tributo à história, à memória e às tradições do povo gaúcho, com celebrações que mobilizam pessoas e instituições em todos os rincões do Rio Grande do Sul.

Com o objetivo de integrar essas comemorações em uma ampla programação de caráter cultural, em 2020 o Governo do Estado instituiu a Comissão Especial dos Festejos Farroupilhas, coordenada pela Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) e formada por 18 entidades parceiras.

Desde então, entidades governamentais e não governamentais, articuladas com gestores de municípios de todas as regiões do território gaúcho, têm trabalhado em conjunto, com muita dedicação, na preparação dos Festejos. Ano a ano, surgem novas ideias para tornar esse grande evento mais significativo e atraente para o público.

Nesta edição, que propõe reflexões sobre o tema do Centenário da Revolução de 1923 – período marcado por antagonismos e rivalidades políticas –, a escolha da identidade visual com os lenços branco e vermelho entrelaçados é bastante significativa. Ela simboliza a possibilidade de união de polos opostos, independentemente de diferenças políticas, econômicas, culturais, sociais, religiosas, raciais ou de gênero.

O respeito à diversidade, às pessoas e aos seus ideais é um pilar essencial para a construção de uma sociedade democrática mais justa e inclusiva. A aproximação simbolizada pelos lenços de chimangos e maragatos representa o desejo de convivência pacífica do povo gaúcho e o estreitamento dos laços de solidariedade e de cooperação entre diferentes grupos étnicos e sociais, muitos deles invisibilizados ou apagados dos registros históricos, como as mulheres, os negros e os povos originários.

Diante da complexidade do tema e da multiplicidade de abordagens possíveis, a contribuição deste e-book é um ponto de partida para despertar o interesse por um conhecimento mais aprofundado dos personagens e dos acontecimentos em seu contexto de época.

Até que ponto avançamos, de fato, em relação à polarização extrema, ao sectarismo e à falta de consideração e empatia com os outros?

Acreditamos que esse olhar crítico para o passado pode nos proporcionar o amadurecimento indispensável para compreendermos melhor o presente e projetarmos o futuro que queremos construir juntos.

Boa leitura!

Gabriella Meindrad

**Secretária Adjunta da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
Presidente da Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas 2023**

“Luto por leis que governem homens. Não por homens que governem leis.”

Honório Lemes

Essa frase do “Leão do Caverá”, como era conhecido Honório Lemes, dá-nos uma dimensão de algo que procuramos a cada dia: a igualdade social. Desde o ano de 2003, quando iniciamos as tematizações da Semana Farroupilha, tinha-se o objetivo de mobilizar as forças vivas do Rio Grande do Sul ao redor de um mesmo tema, que fizesse a sociedade refletir. Não para reescrever a história, mas debatê-la, ver onde se acertou e onde se errou.

Soldado Farrapo: O herói anônimo, de 2003, buscou discutir sobre aqueles que ajudaram a construir a história do estado, mas que não apareciam nas páginas dos livros. De lá para cá, foram 20 anos de trabalho, em que a Semana Farroupilha passou a compor os Festejos Farroupilhas do Rio Grande do Sul, juntamente com acendimento e distribuição da Chama Crioula, seminários para professores, palestras em escolas e entidades tradicionalistas, livros, ações e os desfiles, temático e tradicional.

A ideia de eternizar a dedicação das equipes que trabalharam nos Festejos nasceu com o primeiro livro, em 2008, quando a temática foi *Nossos símbolos, nosso orgulho*. Não se tratava de criar uma obra para esgotar o assunto, mas servir de referencial para quem quisesse estar informado ou realizar atividades que envolviam as temáticas anuais dos Festejos. Cada livro serviu de fonte de consulta, direcionado para quem realmente gostaria de realizar alguma atividade envolvendo o tema.

Em 2023, muitas efemérides marcaram importantes celebrações, mas há de se destacar o centenário da Revolução de 1923, ou Assisista, ou mesmo, A Libertadora, que buscava acabar com o continuísmo no poder, de uma única ideologia política. De um lado estavam os revoltosos, ainda desorganizados e em menor número. Do outro, a Brigada Militar, bem equipada, treinada e com um grande contingente de soldados, além do corpo de “Provisórios”. Eram gaúchos contra gaúchos, irmãos contra irmãos. Mas o que essa, considerada a última grande revolução armada no Rio Grande do Sul, deixou-nos de legado? É esse o grande *mote* de pensamento que buscamos provocar a cada temática. Levar ao debate os acertos e os erros, para que estes últimos não sejam repetidos.

Temos que ter o cuidado, levando em conta o que se considera “errado”, o que só é visto “assim”, segundo determinado ponto de vista. Não devemos esquecer nunca: a realidade é sempre vista por alguém. Por esse motivo, o debate e as reflexões são importantes, pois quando analisamos um determinado recorte da história, a percepção se transforma. Quando isso acontece, aprendemos.

O Pacto de Pedras Altas pode ser visto de diversas formas, mas, aqui, debruçamo-nos sobre uma sociedade diversa, étnica e culturalmente, com perspectivas diferentes, e buscando um futuro melhor. Com a paz e o fim da revolta, o Rio Grande se uniu em torno de uma perspectiva maior, levando o segundo gaúcho a presidir o Brasil.

Vamos refletir sobre a paz, o fim do derramamento de sangue entre irmãos, a busca pelas coisas que possam convergir em um ambiente divergente, ou mesmo a polarização de nosso estado. Enfim, o grande objetivo não é apontar os erros do passado, mas aprender com eles para que nunca mais aconteçam e consigamos ser mais igualitários e humano

Era dia 28 de janeiro de 1923. Na Praça Marechal Deodoro, uma movimentação aguardava a chegada de Antônio Augusto Borges de Medeiros, que, havia três dias, tomara posse como presidente da Província. A recepção ao governante, que ocuparia o cargo pela quinta vez, seria no Theatro São Pedro. O banquete, ricamente preparado pela Confeitaria Rocco, incluía sopa de aspargos, ostras, lagosta, filé com *champignon*. Charutos e *champagnes* não faltaram, assim como músicas, cafés, licores e discursos.

No mesmo dia 28, longe da capital, grupos que se opunham ao quinto mandato de Borges de Medeiros já se manifestavam no interior do estado. Aliás, desde o dia 25 de janeiro, quando o governante tomou posse, um clima de tensão tomou conta do Rio Grande do Sul. Em Passo Fundo, as forças da oposição – chamados maragatos – começavam a se articular. Um dia depois, Joaquim Francisco de Assis Brasil, vencido por Borges no pleito fraudulento, negou a existência de qualquer tipo de conflito, mas confirmava a tentativa de invalidar a eleição. No outro dia, já se sabia de tropas maragatas atacando a cidade de Palmeira. E, enquanto o banquete em homenagem a Borges acontecia no Theatro São Pedro, revolucionários arrancavam os trilhos do trem que levava homens da 2ª Brigada até a cidade de Passo Fundo.

Foi com essa configuração e dicotomias que o Rio Grande do Sul viu eclodir um conflito que traria mudanças profundas na sociedade. A assim chamada Revolução de 1923, muito além da luta entre chimangos e maragatos, foi um conflito que englobou diversas e complexas questões. Suas bases estiveram alicerçadas junto às reestruturações do pós-Primeira Guerra Mundial, bem como às especificidades políticas, econômicas, sociais e culturais do Brasil e do Rio Grande do Sul.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no ano do centenário da Revolução de 1923, participa desta publicação entendendo a importância do evento para a história do estado. Dar destaque à efeméride durante os Festejos Farroupilhas de 2023 é evidenciar a relevância dos legados da revolução, assim como as transformações que operaram de modo profundo na sociedade gaúcha do pós-1923.

Esperamos que o material seja o ponto de partida para a construção de novos conhecimentos acerca do tema. Sabemos que muito já se falou sobre, mas ainda existem lacunas importantes a serem preenchidas. Para além das vozes de Honório Lemes, Zeca Neto, Flores da Cunha e Firmino de Paula e Silva, queremos ensinar que sejam escutadas as tantas mulheres que estiveram envolvidas no conflito, sejam como combatentes, sejam como enfermeiras da Cruz Vermelha. Da mesma forma, diversos foram os homens que integraram as colunas revolucionárias durante o conflito. Porém, pouco sabemos sobre os muitos negros e indígenas que estiveram na linha de frente. Conhecemos, apenas, seus rostos e expressões através das diversas fotografias produzidas no período.

Desejamos a todos e todas uma excelente leitura e que o material seja um provocador de novos questionamentos acerca de velhos saberes. Ainda, esperamos que instigue novas leituras e oportunize problematizações sobre tão importante evento da história do Rio Grande do Sul.

PATRONA DOS FESTEJOS

Conheça Malu Benitez, a quinta mulher patrona dos Festejos Farroupilhas



Foto do arquivo pessoal – Maria Luiza Benitez

Dona de uma voz potente, Maria Luiza Benitez não se faz ouvir apenas pelo seu canto. Sua trajetória também tem muito a dizer. Intérprete da música latinoamericana, consagrada nos Festivais do Rio Grande do Sul, foi uma das precursoras do Movimento Nativista. Soma mais de 50 anos de carreira. Neste ano, em março, foi eleita patrona dos Festejos Farroupilhas, em votação da comissão do evento, que é presidida pela secretária adjunta de Estado da Cultura, Gabriella Meindrad. Desde que começou a ser feita essa escolha, em 2005, ela é a quinta mulher a representar os festejos. Antes dela, receberam o título: Nilza Lessa (2012), Elma Sant'Anna (2017), Alessandra Motta (2020) e Liliana Cardoso (2021).

Maria Luiza, mais conhecida como Malu, tem 71 anos. Neta de argentinos e filha de uruguaio, nasceu em Bagé. Foi lá que despertou sua paixão pelo jornalismo e se tornou a primeira repórter esportiva no RS. Mas foi em Porto Alegre que consolidou sua vida profissional na comunicação e na música.

A patrona dos Festejos Farroupilhas 2023 é formada em Direito e em História, com especialização em História do RS. É cantora, compositora, atriz, mestre de cerimônias, radialista e apresentadora de TV. Em 2008, foi agraciada com o troféu “Mulher Farroupilha”, instituído pelo governo do Estado por sua contribuição, através da música, para a arte e a cultura do RS. Em 2010, recebeu a medalha do “Mérito Farroupilha” - honraria máxima concedida pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. No currículo, três edições do “Prêmio Press”, como locutora e apresentadora de notícias do ano.

Atualmente, concilia a agenda de shows com a rotina diária de locutora e apresentadora na Rádio Guaíba. Uma vez por semana, comanda o programa Fronteira Aberta, no estúdio do POA Streaming, no Shopping Total. À frente dos microfones também desenvolve um trabalho social, com a realização de campanhas, que informalmente ela chama de “Rede do Bem”. Em família, está entre dois Júlios - o marido, com quem é casada há 43 anos, e o filho, que tem 41. Para Malu é um orgulho muito grande ser patrona dos festejos do Estado. Ainda mais por ter sido escolhida por unanimidade. “É como se fosse uma premiação, um troféu em reconhecimento ao meu trabalho, à minha estrada. Não sou uma frequentadora assídua de CTGs, mas sempre prestigiei. E sempre dei voz e espaço ao movimento, como estou dando agora, no programa Fronteira Aberta”, revelou a patrona.

Na entrevista a seguir, conheça um pouco mais sobre Malu Benitez.

Como recebeu o convite para ser a patrona dos Festejos Farroupilhas?

É um orgulho muito grande ser patrona dos festejos do Estado. Ainda mais por ter sido escolhida por unanimidade. Para mim, é como se fosse uma premiação, um troféu em reconhecimento ao meu trabalho, à minha estrada. Não sou uma frequentadora assídua de CTGs, mas sempre prestigiei. E sempre dei voz e espaço ao movimento, como estou dando agora, no programa Fronteira Aberta.

Mais uma vez, o evento dá protagonismo às mulheres.

Como mulher, me sinto muito honrada em receber esse título, pelo fato de que nós, mulheres, garantimos cada vez mais o nosso espaço. Em 1970, fui a primeira mulher repórter esportiva do Rio Grande do Sul. Quando entrava em campo, na minha terra, em Bagé, a discriminação era muito grande. Os homens não tinham o mínimo respeito. Não foi fácil, mas fiquei até que me aceitaram. Eu não gosto do separatismo. Não gosto de reunião só de mulheres nem de reunião só de homens. Para mim, os dois têm que caminhar juntos, na mesma direção. Fico feliz de o MTG já ter tido uma mulher como presidente (Gilda Galeazzi) e de os Festejos Farroupilhas já terem tido uma mulher negra como patrona (Liliana Cardoso).

Gostou do tema dos Festejos Farroupilhas deste ano, “Centenário da Revolução de 1923”?

Eu, que fiz pós-graduação em História do Rio Grande do Sul, estou achando maravilhoso o tema dos festejos deste ano. Lembro que nas comemorações dos 50 anos da Revolução, dois homens se encontraram em cima do palco: um disse ‘eu sou maragato’ e o outro disse ‘eu sou chimango’. Com os lenços, se cruzaram e disseram ‘nós somos o Rio Grande’. É isso que a gente quer, e assim é a mesma coisa em relação às mulheres. Que possamos nos dar as mãos e sermos parceiros.

IDENTIDADE VISUAL

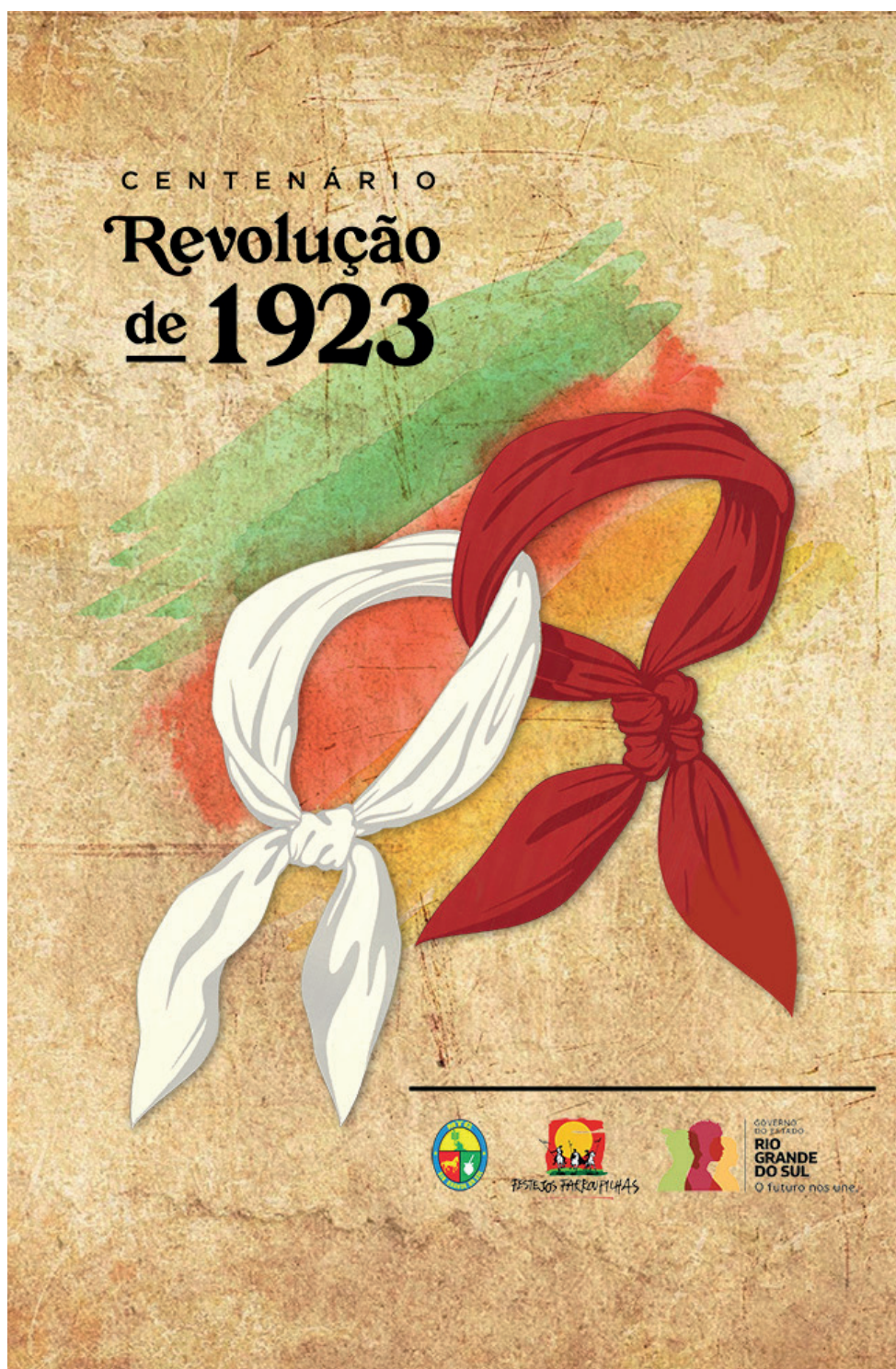
A identidade visual desenvolvida para esta edição dos Festejos Farroupilhas representa o Centenário da Revolução de 1923. Os lenços, branco e vermelho, simbolizam um período da história do nosso Estado em que houve antagonismos e rivalidades políticas. O lenço de pescoço é um dos símbolos mais fortes do gaúcho, seu orgulho e sua honra. Nessa época, os Chimangos, que apoiavam o governo central, usavam o lenço branco, e os Maragatos, contrários à política exercida pelo governo federal, exibiam o lenço vermelho.

Na identidade visual escolhida, por unanimidade, pelos membros da Comissão dos Festejos Farroupilhas 2023, os lenços estão entrelaçados, representando o simbolismo de pacificação dessa revolução. Indica que apesar de todas as divergências políticas da época, nós gaúchos estamos unidos. Entrelaçados, os lenços nos mostram a relevância da inclusão e do respeito à diversidade de pessoas e ideais, pilares fundamentais na construção de um mundo melhor. A aproximação, simbolizada pelos lenços, é o meio pelo qual o povo gaúcho lida com as diferenças, sejam elas políticas, culturais, econômicas, sociais, raciais ou de gênero. Os lenços foram um símbolo de um momento histórico e, ainda hoje, as cores predominantes são o branco e o vermelho, que são usados como adornos, representando a tradição, a cultura e o folclore gaúchos desde a sua colonização.



A arte foi produzida por Cintia Matte Ruschel, nascida em Porto Alegre e formada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Especializou-se em Design Visual e Computação Gráfica nos Estados Unidos, onde trabalhou em estúdio de animação para cinema em Hollywood. Desde então, trabalha com artes gráficas, logotipos, identidade visual, multimídia, animação, design de sites, entre outros. Concursada da TVE, atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação do Instituto-Geral de Perícias e é membro da Comissão dos Festejos Farroupilhas.

Cíntia utilizou como referência os lenços branco e vermelho para simbolizar o estreitamento dos laços entre as etnias, as forças políticas, que naquela época, divergiam ferrenhamente, e os muitos significados do que é ser gaúcho. A ideia, de acordo com Cintia, era representar, em uma imagem, a união sem distinção, usando símbolos representativos e simples, mas expressivos.



CANÇÃO TEMA

“Nos tempos de 23” foi a canção escolhida por meio de seleção organizada pela Comissão Organizadora dos Festejos Farroupilhas 2023. A música cumpriu todos os requisitos propostos na chamada para seleção e foi escolhida, por unanimidade, pelos membros da comissão.

A música é de autoria dos músicos Fernando Espindola (vocalista) e Thomas Facco (acordeonista), integrantes do grupo Alma Gaudéria.

“Nos Tempos de 23”

Letra: Fernando Espindola

Música: Thomas Facco

Um século se passou
Da última revolução
Assistas e borgistas
Em guerra por uma eleição
Um estado polarizado
Se foi às vias de fato
Por interesses pessoais
De Chimangos e maragatos

Todos recordam os nomes
Dos que empunhavam bandeiras
Mas pouco se reverencia
Os da frente nas fileiras
Quem vai à luta por ordens
Destes se fala pouco
Homens com lanças e negros
E a mulher “Cabo Toco”

Refrão

100 anos já se passaram
Da última revolução
Mas depois de tanto tempo
Será que temos união?
Parece que as diferenças
Persistem nos dias atuais
E seguimos separados
Por ideias e ideais

E essa revolução
De Borges e Assis Brasil
Mudou a história do Rio Grande
Mudaria a do Brasil
O tratado de Pedras Altas
Acomodou interesses
E o caudilhismo surgiu
Pra que o país conhecesse

Personagens da história
Que vemos em ruas e livros
E os feitos de lado a lado
Até hoje seguem vivos
Quem lê, compreende a história
Dos que aguentaram o repuxo
Pois luta e revolução
Estão na alma do gaúcho

Refrão

100 anos já se passaram
Da última revolução
Mas depois de tanto tempo
Será que temos união?
Parece que as diferenças
Persistem nos dias atuais
E seguimos separados
Por ideias e ideais.

Parte declamada

E mesmo após 100 anos
Nos tempos de 23 atuais
Mulheres, negros e indígenas
Ainda buscam direitos iguais
Liberdade, igualdade e humanidade
Estão na nossa bandeira
Que não esqueçamos jamais
Que estes sim são ideais
Pra buscar a vida inteira!

Poucas pessoas se questionam, ao caminhar pela sua cidade, quem são as pessoas que dão nome às ruas onde moram e transitam diariamente. Muitas vezes, inclusive, são surpreendidas com a existência da mesma rua em outra cidade. Por que isso acontece? Porque passamos por ruas, avenidas, prédios e monumentos de nossas cidades na correria diária de nossos afazeres. Não temos tempo de olhar um prédio, observar um monumento ou, até mesmo, nos perguntar quem é a pessoa que deu nome à rua onde estamos.

Em Porto Alegre, por exemplo, a maioria já andou pelos comércios da enorme Avenida Assis Brasil ou do Centro Histórico, já foi em direção à zona sul da cidade pela grande Avenida Borges de Medeiros. Junto a outras, a Borges e a Assis Brasil são avenidas centrais, de grande movimentação e importância para a cidade. E por que será que receberam esses nomes? Quem são esses homens? O que fizeram? O simples fato de nos questionarmos acerca desses homens e de sua importância para a história do Rio Grande do Sul – pois viraram “nome de rua” – já nos dá a dimensão do quanto de memória e história temos espalhadas pela cidade.

Borges de Medeiros, herdeiro político de Júlio de Castilhos, esteve à frente do governo gaúcho por 25 anos. Assis Brasil, que também era um importante intelectual, igualmente participou ativamente da política sul-rio-grandense. Mesmo sabendo que ambos desempenharam papéis de grande relevância no panorama político do Estado, em que momento suas trajetórias se cruzaram? Em muitas! Mas foi exatamente há cem anos, na chamada Revolução de 1923, que ambos se enfrentaram em uma das disputas eleitorais mais complexas da história do Rio Grande do Sul.

Assim, é com o objetivo de apresentar esse rico contexto da Revolução de 1923 que o presente *e-book* foi produzido. Pensando e problematizando não apenas o período dos acontecimentos, mas levando em conta tudo o que estava em seu entorno, sobretudo no campo político, social, cultural e econômico, é que o texto foi elaborado. Por se tratar de um tema bastante profundo e complexo, que não caberia em poucas páginas, optamos por apresentar as principais linhas do conflito, bem como as bases nas quais foram estruturadas. Deixaremos ao final do *e-book* uma bibliografia específica do tema para os que tiverem interesse em aprofundar seus conhecimentos acerca da revolução.

Por certo, falaremos em Borges, Assis Brasil, Flores da Cunha, Honório Lemes, mas também traremos, a partir do que os registros históricos possibilitam, a voz dos muitos que também participaram e que foram invisibilizados no pós-conflito. Infelizmente, de muitos não sabemos nem o nome, mas seus rostos estampam fotografias e suas lutas se fazem ainda hoje presentes.

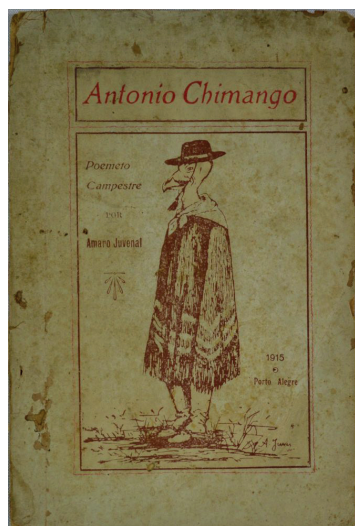
O material foi elaborado, também, a partir de uma particularidade bastante importante da Revolução de 1923: os seus registros fotográficos. As fotografias que integram o *e-book*, em sua maioria parte do acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, foram disponibilizadas para que, dentre outras coisas, possamos pensar a produção de imagens em um contexto bélico e, se utilizadas com fins pedagógicos, possa gerar questionamentos e novos conhecimentos acerca do evento.

Quando estudamos uma guerra, revolução ou conflito, muitas vezes o contexto cultural e social passa despercebido. No entanto, para que se possa compreendê-lo em toda sua abrangência, conhecer esses aspectos é de fundamental importância. Por isso, antes de entrarmos nos pormenores da revolução, vamos entender como era a sociedade sulina dos anos 1920 no Rio Grande do Sul.

A base econômica do estado estava centrada nas atividades da agricultura e da pecuária, sendo a indústria alimentícia a de maior destaque. Segundo Moacyr Flores, do censo demográfico de 1920, 367.816 dedicavam-se à agricultura e, à pecuária, somavam-se 37.854. Importante mencionar que, desde que Júlio de Castilhos assumiu o poder no Estado, sua política econômica baseou-se na industrialização. Disso decorre, por exemplo, o sistema de ensino do período que foi dividido em duas vertentes: a humanista (Escola Júlio de Castilhos e Escola Normal), que visava à formação de administradores, e a escola técnica (Escola Parobé e Escola de Técnicas Agrícolas), que objetivava a formação de mão de obra especializada para os setores primários e secundários. Ainda sobre a industrialização, ressalta-se que o Rio Grande do Sul contou com o apoio das empresas alemãs, que iniciavam suas trajetórias em cidades como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

A implementação de tecnologias no estado, sobretudo no campo, gerou uma onda de desempregos, uma vez que grande parte da mão de obra que arava, semeava e colhia espécimes nas plantações estava sendo substituída por máquinas. Centenas de homens e mulheres que eram empregados na época do plantio e das colheitas começaram a migrar do campo para a cidade, aumentando cada vez mais a população das periferias. A cidade não tinha estrutura para receber esse grande número de pessoas, o que acarretou a falta de atendimento médico, escolas e habitações.

Esse é o período, também, da inserção dos automóveis nas vias públicas. Seu uso, inicialmente para deleite dos ricos, logo foi utilizado como facilitador de deslocamento pela cidade. Era o momento do rádio e do cinema. Este último, que apresentava predominantemente filmes europeus em suas telas, após a I Guerra Mundial foram substituídos pelos norte-americanos. Com isso, novas formas de comportamento e sociabilidade são observadas, provocando o debate acerca da decadência dos bons costumes e da influência dos ídolos do cinema.



A vida literária no Rio Grande do Sul foi muito rica nesse momento. Uma obra que merece destaque, tanto por seu conteúdo quanto por sua relação com o que estamos tratando no texto, é o poema *Antonio Chimango*, assinado por Amaro Juvenal (pseudônimo de Ramiro Barcelos) e publicado em 1915. A obra é uma veemente crítica ao governo e a Borges de Medeiros, que, por suas articulações políticas, foi identificado à ave de rapina que leva o mesmo nome. Em virtude dessa associação, os correligionários de Borges de Medeiros na Revolução de 1923 serão chamados de *chimangos*.

Capa da 1ª edição de Antonio Chimango (1915)

3 CONTEXTO NACIONAL

Antes de adentrarmos o contexto do conflito, é interessante observar o que estava acontecendo no centro do país nesse mesmo momento. Da mesma forma que, no Rio Grande do Sul, a ânsia por transformações era grande, a modernização era a palavra de ordem do período, mesmo entrando em choque direto com a política conservadora dos governantes.

Esse foi o período da Semana de Arte Moderna e, mais tarde, do Movimento Verde-Amarelo. Também foi o período em que as ideias de modernidade chegaram até a política e aos jovens militares, culminando no movimento do Tenentismo, em que exigiam a reforma do Exército, o voto secreto e a participação no governo.

Na conjuntura política, em 1921 ocorreu a campanha presidencialista, em que as tradicionais oligarquias de São Paulo e Minas Gerais apoiaram o candidato Artur Bernardes. Como reação, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia apoiaram Nilo Peçanha. Bernardes ganha a eleição e assume a presidência em 15 de novembro de 1922, em meio ao estado de sítio provocado pela Revolta do Forte de Copacabana.

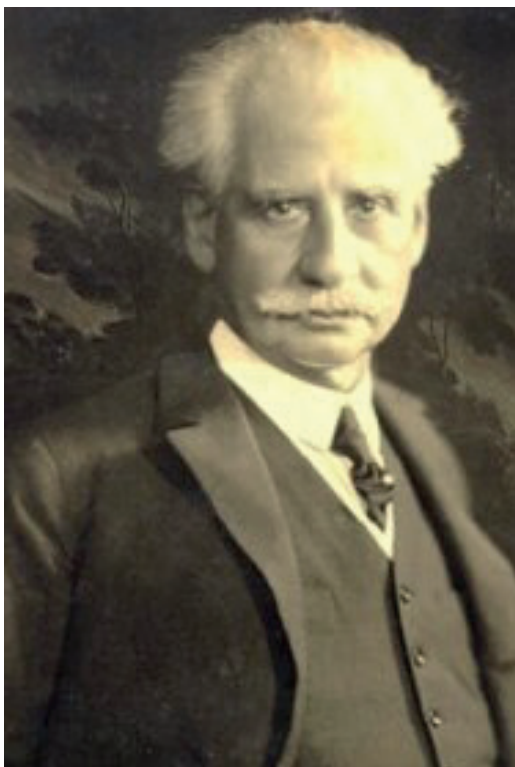
Esse movimento, por sua vez, ocorreu em função da intervenção de Epitácio Pessoa, então presidente da República, nas eleições estaduais de Pernambuco. A ação do governante sofreu duras críticas de Hermes da Fonseca, então presidente do Clube Militar, ocasionando a sua prisão e o fechamento do clube. A reação dos militares, em 5 de junho de 1922, deu início à revolta. É nesse contexto que Artur Bernardes, temendo que o Exército não apoiasse uma intervenção nas eleições do Rio Grande do Sul, decide por não fazê-la. Sua atitude, porém, foi o ponto de partida para que os federalistas iniciassem uma insurreição contra a fraudulenta eleição que conduziu Borges de Medeiros a seu quinto mandato.



Antônio Augusto Borges de Medeiros
(1863-1961)

Conforme foi visto até aqui, as décadas de 1910 e 1920 foram marcadas por importantes transformações no contexto regional e nacional. No Rio Grande do Sul, como visto anteriormente, a política econômica passava por ajustes e desestabilidade profundos. A modernização do campo acarretava levas de desempregados e o inchamento das cidades. Somado a isso, uma grave crise econômica se instala quando o Estado assume dívidas e empréstimos com banqueiros e empresas estrangeiras, sobretudo após a encampação da *Compagnie Auxilaire de Chemins de Fér* (depois Viação Férrea do Rio Grande do Sul).

Para encampar a companhia francesa, Borges de Medeiros recolheu os saldos dos bancos. Estes, por sua vez, começaram a executar hipotecas no prazo de 30 dias. Somado a isso, e fruto da modernização, os frigoríficos estrangeiros instalados no interior do estado, em especial o *Swift*, *Armour* e *Anglo*, começaram a controlar os preços e o abate do gado, provocando descontentamento dos criadores. Tentaram solucionar o problema em reunião com Osvaldo Aranha, que, na época, presidia a Associação de Criadores. Nesse momento, um quadro de profunda crise e descontentamento é delineado.



Joaquim Francisco de Assis Brasil
(1857-1938)

Ademais dessa crise de ordem econômica, esse foi o momento, também, das eleições estaduais. Em 1922, Borges de Medeiros, então presidente do Estado, designa uma comissão para a escolha do candidato para eleição. Após deliberações, a comissão¹ “(...) proclama candidato do Partido Republicano à reeleição o Sr. A. A. Borges de Medeiros”.² Como reação à indicação de Borges, que já governava o Estado havia 15 anos e tentava a sua quinta reeleição, um grupo de oposição³ procura Joaquim Francisco de Assis Brasil para que ele se candidatasse a presidência do Estado.

A respeito da eleição, é interessante fazer uma breve observação sobre o processo no Rio Grande do Sul desse período. No conjunto, o sistema eleitoral era fraudulento: a votação era a descoberto, os funcionários públicos eram obrigados a votar no governo, a apuração dos votos era realizada unicamente pelos deputados governistas, sendo vetada aos opositores a participação e, mesmo, a observação do processo de contagem de votos. Após, eram elaboradas as atas, e as cédulas eram queimadas. Qualquer pedido de revisão era baseado nas anotações feitas nas atas.

As eleições, como se poderia imaginar, ocorreram de forma violenta e baseada em fraudes. Apenas para ilustrar, João Rodrigues Mena Barreto, opositor de Borges, ao descrever episódios do processo eleitoral, afirma que colocou seis homens armados no pátio do local onde estava a urna eleitoral de Carazinho, para evitar que dez trabalhadores votassem em Borges de Medeiros. Comenta, também, que elaborou um abaixo-assinado contra a candidatura de Borges; quando levou o documento ao cartório, os escrivães fugiram para não ter que registrar o documento. Em Alegrete, o assistente Vasco Alves foi assassinado após troca de tiros com borgistas na intendência municipal, onde estava a urna de votação.

1 A comissão designada por Borges de Medeiros era formada pelo General Teophilo Barreto Vianna, pelo General Firmino de Paula, pelo Dr. Pedro Luiz da Rocha Osório, pelo Dr. José Montauray de Aguiar Leitão e por Lindolfo Collor.

2 FLORES, Moacyr. Chimangos e Maragatos. Porto Alegre: Pradense, 2014, p. 35.

3 Faziam parte do grupo: Dr. José Carlos de Souza Lobo, Coronel Frutuoso Pinheiro Machado e Emílio Corrêa.

Apesar de toda violência constatada no dia do pleito, em 25 de novembro de 1922 Assis Brasil acabou derrotado por Borges de Medeiros. Porém, segundo artigo da Constituição Castilhistas, a reeleição do presidente do Estado só poderia ocorrer com três quartos do eleitorado. Alguns dias depois, o governo nomeou a Comissão de Constituição e Poderes, formada por Getúlio Vargas, Ariosto Pinto e José de Vasconcellos Pinto, todos do Partido Republicano, para conferir a contagem de votos. Segundo o artigo da Constituição, Borges não teria alcançado a marca exigida para reeleição. Segundo nos conta Flores de Cunha, ao entrar no gabinete de Borges com a fatídica notícia, a comissão foi recebida alegremente por Borges que "(...) disse-lhes que já sabia que eles ali haviam ido para felicitar pela reeleição". Sem ver outra alternativa, a comissão retorna, refaz a contagem de votos, altera as atas e concede, por fim, a vitória a Borges de Medeiros.

Ao saber do ocorrido, Assis Brasil envia telegrama a Borges e sugere que se realize um Tribunal Arbitral para validar as eleições. Borges não aceita, mas propõe que o caso seja submetido ao julgamento do presidente da República. Artur Bernardes se recusou a julgar o caso por entender que não lhe cabia, como presidente, tal questão. Além disso, quando interveio nos Estados que apoiaram Nilo Peçanha nas eleições presidenciais, não a faz no Rio Grande do Sul porque Borges de Medeiros manteve uma política de neutralidade.

O clima era de tensão no Rio Grande do Sul. Mas, mesmo com telegramas do General Firmino de Paula alertando sobre uma possível conspiração dos opositores no interior, Borges se manteve tranquilo, mas precavido. Em telegrama de 23 de janeiro, avisa ao mesmo general o envio, em trem especial, de uma carga de armamentos, fardamentos e barracas.

Os opositores de Borges, segundo as memórias de Zeca Neto, estavam aguardando o início de um movimento revolucionário para que, então, o presidente da República fizesse uma intervenção no Estado. Porém, mal sabiam que a ideia já nascia fracassada.

Em novembro de 1922, Borges de Medeiros havia sido eleito com 106.319 votos para governar o Estado em seu quinto mandato, vencendo o seu opositor Assis Brasil, que obteve 32.217 votos. O processo eleitoral foi marcado por denúncias de fraude.

No dia 24 de janeiro de 1923, a Assembleia Estadual reunia-se para reconhecer e aprovar Borges de Medeiros como o presidente do Estado, como era chamado o governador. Foi uma sessão tumultuada. Da tribuna, deputados da oposição proferiam discursos e apartes com ameaças de promoverem uma revolução.



Compromisso de Borges de Medeiros perante a Assembleia de Representantes
(25 de janeiro de 1923)

Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

De Carazinho, então distrito de Passo Fundo, o deputado federalista Artur Caetano da Silva enviou o seguinte telegrama ao presidente da República, colocando o objetivo de realizar um levante armado. No texto do telegrama, exagerou o número de rebeldes; no final, solicita garantias constitucionais:

Sr. Presidente da República – A situação de desespero criada pelo borgismo compressor e sanguinário, transformou, hoje, a nossa altiva região serrana em um vasto acampamento militar. Quatro mil homens levantaram-se no dorso das coxilhas, protestando de armas na mão contra a usurpação do tirano. Sobre Passo Fundo caíam diariamente as cóleras da ditadura, porque Passo Fundo foi baluarte do Bernardismo no Rio Grande do Sul. Não correrá mais sangue se o ditador rerunciar incontinentemente o seu falso mandato (...)

No dia da posse de Borges de Medeiros para o seu quinto mandato de governador, dia 25 de janeiro, a oposição deu início aos primeiros movimentos reunindo as forças revolucionárias em Passo Fundo e Palmeira das Missões. No entanto, em entrevista aos jornais do Rio de Janeiro, no dia 26 de janeiro, o candidato derrotado Assis Brasil negou a existência de uma revolução no Rio Grande do Sul e declarou que pretendia impugnar o governo Borges de Medeiros porque era ilegítimo, mas, na madrugada de 27 de janeiro, as tropas de maragatos revoltosos atacaram a cidade de Palmeira, efetuando alguns disparos.

A 2ª Brigada seguiu em quatro trens para Passo Fundo em 28 de janeiro. Os Maragatos arrancaram os trilhos perto de Jacuizinho e colocaram 60 homens de guarda, porém, com a chegada de um pelotão do 1º Regimento comandado por Martim Cavalcanti, reforçado pelo 1º Esquadrão, sob o comando do capitão José Rodrigues Cordeiro, ao serem acionadas as metralhadoras, os rebeldes fugiram da cidade. Nessa mesma data, realizou-se um banquete em homenagem a Borges de Medeiros em Porto Alegre, no Theatro São Pedro. O local estava decorado com guirlandas de flores. Na porta da entrada, inúmeras lâmpadas coloridas formavam a bandeira do Rio Grande do Sul.

Borges de Medeiros foi recepcionado no teatro por jovens senhoritas e um grupo de professores que executou o hino Rio-Grandense. A Confeitaria Rocco preparou um cardápio: sopa de aspargos, ostras e lagosta, maionese, filé com *champignon*, peito de peru com salada russa, frutas, charutos e *champagne*. Durante o banquete, a Banda da Brigada Militar executou inúmeras músicas no saguão do teatro.

No momento do café e licores, o doutor Ildefonso Pinto abriu a enxurrada de discursos elogiosos a Borges de Medeiros, seguido pelo senador Vespúcio de Abreu, pelos deputados Carlos Mangabeira, Otávio Rocha, João Neves e Protásio Alves. O desembargador Manoel André da Rocha fez um brinde com champagne. Nesse cenário, entre as folhagens, um busto de Júlio Prates de Castilhos, o ideólogo e fundador do Partido Republicano Rio-Grandense, ali estático observava o que ocorria.

Somente em 31 de janeiro, o jornal “A Federação”, órgão da imprensa do governo, publicou a transcrição de um telegrama do general Firmino de Paula dirigido a Borges de Medeiros, noticiando que a 2ª Brigada havia ocupado Passo Fundo e expulso os maragatos:

(...) Os adversários à medida que nos aproximávamos, foram fugindo. (...) Artur Caetano, afirmam ter fugido a três dias. O principal objetivo desses anarquistas foi roubar, arrebanhar animais de toda espécie (...)

O coronel Claudino marchou com o 1º Regimento e o 1º Batalhão em direção a Nonoai para atacar a coluna do maragato Mena Barreto, que fugiu para os matos daquela localidade. No início de fevereiro, os revolucionários assistas se aproximaram de Palmeira e provocaram os borgistas para lutarem nas coxilhas, trocando palavras ofensivas. Os governistas permaneceram lá, e os oposicionistas se retiraram. A Loja Maçônica Estrela de Palmeira tentou intervir e apaziguar os ânimos belicosos entre os irmãos, mas as tropas maragatas de Leonel Rocha atacaram a cidade, trocando tiros com os sentinelas, e depois se retiraram para os seus acampamentos.

O jornal “O País” do Rio de Janeiro, em um artigo sobre o levante armado no Rio Grande do Sul, chamou de “Bandoleiros” os oposicionistas revoltosos. Os governistas também passaram a chamar os oposicionistas maragatos e assistas de “bandoleiros”, apelido que os próprios revoltosos adotaram com orgulho.

Em 3 de fevereiro, o tenente-coronel Claudino Nunes Pereira entrou em Erechim para consolidar as posições governistas no noroeste do estado. Enquanto isso, na fronteira oeste, o general maragato Honório Lemes começava a reunir tropas de revoltosos na Serra do Ca-

verá. Fazendeiros levam suas cavalhadas para a República Oriental do Uruguai a fim de evitar que fossem tomadas pelos revoltosos.

Nos quatro cantos do estado, reuniam-se tropas oposicionistas armadas, mas Borges de Medeiros declarava que a revolta havia fracassado. A população de Porto Alegre, que nunca esteve ameaçada pela violência da revolução, não deixou de participar da Festa de Carnaval no domingo, 11 de fevereiro. Percorria os clubes e as principais ruas da cidade. Destacavam-se os Blocos Carnavalescos dos Barbados, da Filosofia, dos Exagerados, das Ilusões, em especial, o Bloco dos Gaúchos, no qual os participantes se fantasiavam de bombacha, botas, chapéus de abas largas e lenço no pescoço.

O general maragato Zeca Neto invadiu Camaquã com 250 homens em 28 de fevereiro, mas não houve combate porque os funcionários públicos e polícia saíram da cidade. No mesmo período, o general Firmino de Paula estabelece seu quartel general em Passo Fundo no intuito de combater as forças do general maragato Mena Barreto.

Todas essas agitações e tiroteios tinham como principal objetivo provocar uma intervenção federal no Rio Grande do Sul. Por essa razão, no início de março, Assis Brasil solicita uma audiência e é recebido pelo presidente da República, que declarou imediatamente o seu pleno respeito às decisões das urnas, colocando-se frontalmente contrário às agitações militares e mantendo sua neutralidade em relação ao conflito regional do Sul. Então, alguns oposicionistas ao governo Borges de Medeiros se reuniram no Rio de Janeiro, que era a capital do país, em 7 de março, e criaram o Governo Provisório, uma espécie de governo paralelo, que, no outro dia, já publica o seu primeiro decreto, declarando nula as eleições e todos os atos administrativos do governo Borgista.

No final de março, por segurança, os bancos suspenderam as operações onde havia movimento de tropas rebeldes. A fim de evitar pilhagem, avisavam aos agentes que, diante de qualquer anormalidade, deveriam fechar as agências e transferir documentos e dinheiro para o município mais próximo.

Criadores de cavalos fizeram uma petição à justiça federal, solicitando garantias de seus direitos de proprietários, protestando contra as requisições de animais por parte do governo estadual. Borges de Medeiros ordenou que fossem devolvidos os animais e enviou ordem de pagamento de cem contos ao intendente de Bagé para o pagamento de animais comprados.

Percebendo que os opositoristas não aceitavam a derrota nas urnas e se mostravam intransigentes e dispostos a continuar com a ideia de incitar uma luta armada, Borges de Medeiros aumentou o efetivo e equipou muito bem a Brigada Militar, comprando armas, metralhadoras e muita munição na Argentina e nos Estados Unidos. Para longas distâncias, as tropas legalistas eram transportadas de caminhões e de trem com vagões blindados.

Do Palácio do Governo em Porto Alegre, Borges de Medeiros coordenava o movimento das suas tropas e também os deslocamentos das tropas rebeldes. Através de telefone ou telégrafo, recebia as notícias sobre os combates que ocorriam no interior do estado e as informações que chegavam vindas dos comandantes militares e chefes políticos do seu partido. Utilizou de toda tecnologia disponível na época; inclusive adquiriu para a Brigada dois aviões que, dentre outros interesses de guerra, foram aproveitados para fornecer a localização das tropas adversárias.

Entre os rebeldes da oposição formada por federalistas, democratas ou republicanos dissidentes não havia uma unidade tática e estratégica, muito menos dispunham de um comando único. Cada caudilho político municipal atuava no cenário da revolução de forma independente. Muitas vezes, durante esse curto período da revolução, ocorreram divergências e divisão entre esses comandantes revoltosos, como em Passo Fundo, quando as tropas de João Cony não queriam receber ordens do coronel Mena Barreto porque ele não era um maragato, apenas um dissidente republicano. Segundo o historiador Caggiani, ao anoitecer do dia 5 de abril, em consequência das desavenças entre diferentes chefes, Honório Lemes retirou-se para um lugar distante de Uruguaiana e depois internou-se na Serra do Caverá (Caggiani, p. 73-75).

Como na Revolução Federalista de 1893, os caudilhos revoltosos de 1923 formaram as suas milícias com os parentes, compadres, afilhados, peonada submissa e desempregados rurais, muitos deles comparecendo aos campos de batalha com lanças, espadas, revólveres, armas de caça de um ou dois tiros e com muito pouca munição. Dessa forma, ficava inviável combater as tropas numerosas da Brigada Militar, armadas com carabinas de repetição e metralhadoras. Muitas vezes a única saída que restava aos maragatos era fazer a guerra de guerrilha, ou seja, promover pequenas escaramuças e tiroteios, mantendo-se em constante movimentação a cavalo para evitar os confrontos e combates diretos. Algumas vezes os maragatos da fronteira tiveram que se refugiar na República Oriental do Uruguai e os revoltosos do noroeste do estado fugiram para Santa Catarina porque não tinham munição para sustentar o combate com a Brigada Militar ou com os Corpos Provisórios chimangos.

Justamente por não possuírem condições militares para enfrentar o potencial bélico da Brigada Militar no interior do estado, os maragatos dinamitavam os pontilhões e retiravam os trilhos das ferrovias para impedir o deslocamento das tropas legalistas do governo. Promoviam escaramuças, invadindo temporariamente algumas cidades para queimar documentação oficial das prefeituras, para impor uma contribuição de guerra ao comércio local, para abastecer as suas tropas e, depois, quando recebiam notícias sobre a aproximação das forças legalistas da Brigada Militar ou dos Corpos Provisórios, retiravam-se para o campo ou para outra cidade (Mais informações no Anexo I – Uma Cronologia dos Combates).

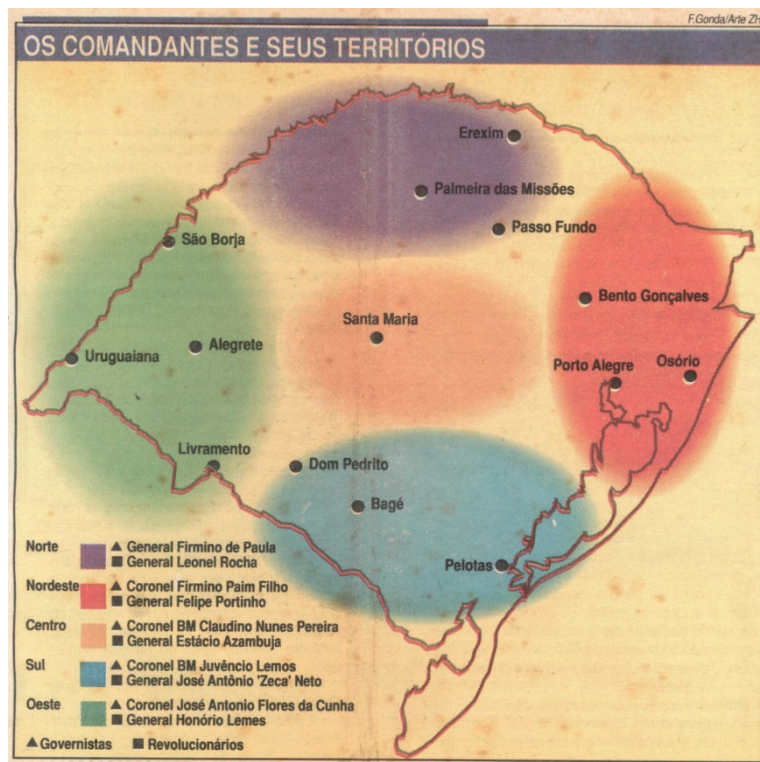
Os maragatos tinham como objetivo principal perturbar a administração, desmoralizar as forças do governo estadual e manter o Rio Grande do Sul convulsionado, esperando uma intervenção federal.

No mês de junho, a Associação Comercial de Porto Alegre dirigiu ao presidente da República uma exposição de graves consequências que o movimento armado estava ocasionando à economia do Rio Grande do Sul. Solicitou que fosse prolongado o prazo para a cobrança do imposto sobre vendas à vista.

Os jornais do Rio de Janeiro noticiavam em 2 de julho que o presidente da República, Artur Bernardes, havia telefonado para Borges de Medeiros, convidando-o para renunciar ao governo. Setembrino de Carvalho, general do Exército, também telefonou insistindo na renúncia do presidente do Estado. Os jornais das principais capitais do Brasil clamavam ao presidente da República por pacificação no Rio Grande do Sul.

O bispo D. João Becker publicou em 27 de setembro a sua carta pastoral, pedindo a pacificação do Rio Grande do Sul e recomendando ao Clero manter absoluta imparcialidade partidária.

7 GRUPOS POLÍTICOS E SUAS LIDERANÇAS



Localização das lideranças durante o conflito.

Fonte: Jornal Zero Hora – Caderno de Cultura

Em linhas gerais, dois grupos se enfrentaram durante a Revolução de 1923: os federalistas, também chamados de maragatos, que apoiavam Assis Brasil, e os republicanos, ou chimangos, apoiadores de Borges de Medeiros. Durante os conflitos, ambos os grupos se enfrentaram em diversos combates e escaramuças.

Borges de Medeiros dotou a Brigada Militar com a organização do Exército brasileiro, sem prejuízo do serviço de policiamento, fixando o seu efetivo em um coronel, cinco tenentes-coronéis, nove majores, 31 capitães, 21 tenentes, 63 alferes, 130 oficiais. A fim de combater os rebeldes, a Brigada Militar, comandada pelo coronel Afonso Emílio Massot, organizou-se em cinco Brigadas Provisórias, delas fazendo parte os 1º e 2º Regimentos de Cavalaria, além de vários corpos auxiliares em diversos municípios.

A **Brigada do Norte** era comandada pelo general Firmino de Paula; a **Brigada do Oeste**, pelo coronel José Antônio Flores da Cunha; a **Brigada do Sul**, pelo coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos; a **Brigada do Centro**, pelo coronel Claudino Nunes Pereira; e a **Brigada do Nordeste**, pelo coronel Firmino Paim Filho.

LIDERANÇAS REPUBLICANAS (CHIMANGOS)



General Firmino de Paula e Silva

(1844-1930):

Nasceu em Cruz Alta e foi o primeiro intendente de Santo Ângelo. Defensor ferrenho do republicanismo, atuou na Revolução Federalista em 1893 e, já em idade avançada, na Revolução de 1923.

Coronel José Antônio Flores da Cunha

(1880-1959):

Nascido em Sant'Ana do Livramento, teve grande destaque na história política do Rio Grande do Sul. Durante a Revolução de 1923, dentre seus muitos feitos, buscou armamento moderno na Argentina e impediu a tomada de Uruguaiana pelas tropas de Honório Lemes.



Coronel Juvêncio Maximiliano Lemos

(1874-1952):

Nasceu na cidade de Canguçu. Filiado ao PRR, participou da Revolução Federalista, na cidade de Bagé, onde se tornou, em 1908, seu intendente. Em 1923, teve destacada atuação na Brigada do Sul.



**Coronel Claudino Nunes Pereira
(1872-1945):**

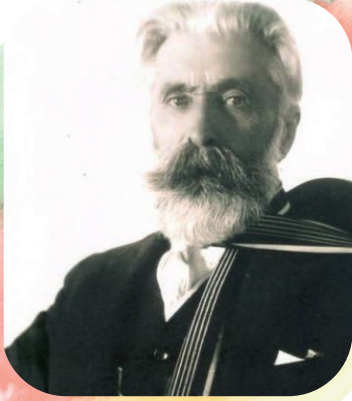
Nasceu em São Luiz Gonzaga. Figura destacada na Justiça Militar do Rio Grande do Sul, Nunes Pereira participou do embate contra as forças de Acácio Menna, em Dom Pedrito, quando tentava tomar a cidade.



**Coronel Firmino Paim Filho
(1884-1971):**

Natural de São Sebastião do Caí. Republicano, ocupou diversos cargos políticos durante os governos de Borges de Medeiros. Em 1923, junto com Firmino de Paula, atuou contra as forças de Felipe Portinho na região de Erechim.

LIDERANÇAS DA OPOSIÇÃO (MARAGATOS)



General Zeca Netto

(1854-1948):

Nascido em Jaguarão, desde jovem mostra interesse pelo positivismo. No governo castilhista, é nomeado para importantes cargos públicos. Segue aliado ao governo na Revolução Federalista. Rompe com Borges de Medeiros, em 1922, em virtude da pouca atenção do governo à zona rural e às atividades agropastoris. Em 1923, torna-se o mais importante líder dos maragatos.

Honório Lemes

(1864-1930):

Natural de Cachoeira do Sul, Lemos era de uma família de pouca instrução e de poucas posses. Era pequeno proprietário de terras e semianalfabeto. Grande admirador de Gaspar Silveira Martins, lutou na Revolução de 1893. O Leão do Caverá, como era conhecido, foi destacada liderança em 1923.



Leonel Maria Rocha

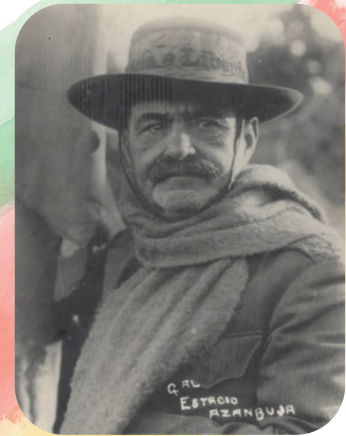
(1865-1947)

Nascido em Taquari, a trajetória de Rocha é muito semelhante à de Honório Lemes: de uma família de poucas posses, integrou o lado federalista em 1893. Em 1923, não foi diferente, pois uma vez mais luta ao lado dos maragatos.



**General Estácio Azambuja
(1860-1938)**

Nasceu em Camaquã. Dedicado, desde cedo, às atividades comerciais, iniciou a vida de combates na Revolução de 1893, quando lutou ao lado de Joca Tavares contra o governo de Castilhos. Em 1923, segue ao lado dos maragatos e participa de importantes e decisivos combates na revolução. 1923, teve destacada atuação na Brigada do Sul.



**General Felipe Portinho
(1865-1938)**

Nasceu em Cruz Alta. Participou de importantes conflitos no Rio Grande do Sul. Em 1923, ficou conhecido, assim como Honório Lemes, por ser contrário às atrocidades e violências contra os inimigos.



Também foram criados Corpos Provisórios que eram chefiados por políticos do Partido Republicano e formados por voluntários e recrutados. Cada um dos nove Corpos Provisórios possuía serviço de saúde com médico.

As forças governamentais foram supridas, na sua maior parte, por desempregados da zona rural que buscavam emprego nas cidades, atingindo um total de 12 mil homens, distribuídos em guarnições e forças volantes. Depois da revolução, muitos dos provisórios foram incorporados nas forças regulares da Brigada Militar. Essas forças legalistas do governo estavam muito bem equipadas, pois compravam armas e munição na Argentina e nos Estados Unidos. O potencial bélico da Brigada Militar aumentou com a aquisição de metralhadoras.

A Brigada Militar utilizou a estrada de ferro para transportar suas tropas, inclusive os cavalos. A locomotiva levava um vagão blindado até a linha de tiro. Telégrafo e telefone foram usados para solicitar auxílio de tropas e para noticiar os encontros bélicos que ocorriam em vários focos pelo estado.

Durante esses nove meses de 1923, ocorreram movimentos de tropas armadas. As forças militares do general Zeca Neto foram fustigadas e perseguidas pelas tropas da Brigada Militar sob o comando do coronel Juvêncio Lemos na região sul entre Camaquã, Pelotas e Dom Pedrito. No território da região fronteira-oeste, o revolucionário maragato Honório Lemes foi permanentemente perseguido pelas tropas governistas do coronel Flores da Cunha. No norte do estado, a Brigada Militar sob o comando do general Firmino de Paula combatia as tropas do maragato Leonel Rocha. Na região central do estado, a Brigada Militar sob o comando do coronel Claudino Nunes Pereira enfrentava as tropas do general Estácio Azambuja e, no nordeste, ocorreram violentos combates travados entre as tropas do coronel Firmino Paim Filho e o maragato Felipe Portinho e seus comandados.

8 AS TRATATIVAS PARA O ACORDO DE PACIFICAÇÃO

A população rio-grandense do interior do Estado já estava cansada com um conflito que se arrastava, tirando a vida de quase mil gaúchos, complicando as atividades produtivas e as rotinas administrativas dos municípios, que eram invadidos pelos maragatos e tinham os dirigentes locais depostos dos seus cargos.

A iniciativa decisiva do governo brasileiro no sentido de construir os meios para estabelecer a paz no Rio Grande do Sul ocorreu quando o presidente Artur Bernardes delegou poderes ao seu ministro da Guerra, o general Setembrino de Carvalho, incumbido de resolver os conflitos no Rio Grande do Sul. Setembrino de Carvalho era gaúcho de Uruguaiana e, na sua juventude, havia sido deputado pelo Partido Republicano Rio-Grandense, no período da elaboração da Constituição Castilhistas de 1891, e tinha lutado na Guerra Federalista de 1893 contra os insurgentes maragatos. No entanto, muito cedo abandonou a vida político partidária transformando-se em um militar estritamente profissional, que via incompatibilidade absoluta entre a vida militar e a militância partidária.

O general Setembrino de Carvalho iniciou por comunicar-se com Assis Brasil antes de sua partida para o sul, afirmando a mais rigorosa neutralidade e lealdade para com os dois inimigos que estavam em conflito. A efetivação de sua missão só foi oficializada em 14 de outubro através de um telegrama do presidente Bernardes encaminhado a Borges de Medeiros, informando com muita cautela que a missão do ministro da Guerra era a de realizar “inspeções nas guarnições do Exército do Sul” para não caracterizá-la como uma intervenção afrontosa à autonomia do Estado.

No dia 15 de outubro, o general Setembrino de Carvalho, acompanhado de vários oficiais superiores, parte de trem de São Paulo para o Rio Grande do Sul, em uma viagem lenta e interrompida pelas visitas de inspeção às Guarnições do Exército, mas, ao mesmo tempo, mantinha contato com os caudilhos rebeldes, preparando o terreno para realizar uma declaração de “Cessar Fogo” entre as partes em conflito.

Sempre recebido por calorosas manifestações populares, indicando o anseio pela paz que dominava a sociedade rio-grandense, em 19 de outubro chegou a Passo Fundo, depois a Cruz Alta. No dia 25, chegou a Santa Maria e, no dia 27, chegou a São Gabriel. Voltou a Porto Alegre no dia 1º de novembro, depois de ter ouvido inúmeros chefes oposicionistas, habilitando-se a dialogar com Borges de Medeiros com o maior número de informações.

Antes de partir para o entendimento definitivo com os rebeldes, o general Setembrino de Carvalho celebrou com Borges de Medeiros um protocolo de intenções, em que o governo estadual fixava as suas condições para a pacificação. Borges de Medeiros continuava resistindo à questão da reforma do artigo décimo da Constituição Estadual, em que a oposição fazia a exigência de que o vice-governador deveria ser eleito. Borges havia nomeado o Dr. Protásio Alves como seu vice.

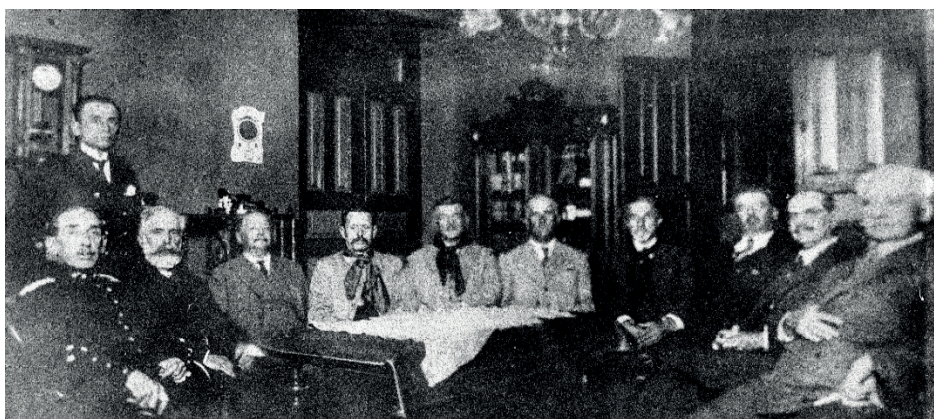
Entre o protocolo firmado por Borges de Medeiros, em Porto Alegre, no dia 10 de novembro, até a efetivação do “Acordo de Pedras Altas”, transcorreram mais de um mês de negociações, por vezes tensas e intransigentes. Os entendimentos não foram fáceis. Entre muitos revolucionários, permanecia a exigência de renúncia de Borges de Medeiros. Assis Brasil não compartilhava de algumas dessas exigências, mas até certo ponto era prisioneiro de seus próprios companheiros.

Por vezes, o general Setembrino ficava irritado com algumas intransigências, mas as discussões prosseguiram. Houve imposições dos rebeldes quanto às normas reguladoras das

eleições federais, que, por não serem de competência estadual, não poderiam ser objeto do acordo.

Borges de Medeiros ameaçava cessar o armistício. Alguns caudilhos indignados incitavam retornar a luta armada, mas não tinham recursos para manter-se em combate. Honório Lemes rompe a trégua alguns dias antes da assinatura do acordo de paz, tomando posse de um trem para transportar a sua tropa. Assis Brasil retira-se de Bagé para o Uruguai em clara ameaça de ruptura das negociações

Dizia-se que o general Setembrino já estava farto com as imposições repetidas, inviáveis e descabidas dos maragatos. O general estava temeroso de que a sua missão pacificadora viesse a fracassar e externava a sua disposição de retirar-se do Estado. Os dias foram muito tensos e, por fim, Assis Brasil desistiu de postular a imediata eleição para vice-governador, e Borges concordou com o adiamento das eleições federais.



Pacto de Pedras Altas – Castelo de Pedras Altas

Acervo Correio do Povo

Finalmente, em 14 de dezembro, no Castelo de Pedras Altas, sede da granja de Assis Brasil, na presença do general Setembrino de Carvalho, os principais comandantes das tropas rebeldes firmaram um pacto de paz fundamentado em dez cláusulas. Imediatamente, a Ata de Pacificação foi levada a Porto Alegre pelo major Euclides Figueiredo a fim de colher a assinatura de Borges de Medeiros. (*Anexo II – Ata de Pacificação*)



Borges de Medeiros assina o Pacto de Pedras Altas
Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

A cerimônia final no Palácio Piratini ocorreu em 15 de dezembro, com a presença das lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense e do general Francisco de Andrade Neves, comandante da 3ª Região Militar.

Da parte dos governistas gaúchos, não consta que tenha havido alguma reprovação aos termos do Pacto de Pacificação. Já entre os opositoristas, as decepções foram maiores. O Comitê de Maragatos de Pelotas chegou a lançar publicamente um manifesto, acusando Assis Brasil de ter traído as aspirações do Rio Grande do Sul. Os ressentimentos e agressões continuaram após a assinatura do pacto de paz. O general Felipe Portinho foi agredido em Santa Bárbara e teve que sair pelos fundos do hotel.

Apesar do pacto de pacificação firmado no Castelo de Pedras Altas, o descontentamento e o espírito de revolta contra o regime das oligarquias continuaram com o levante da Coluna de Luís Carlos Prestes em 1924, com os tenentes Alcides e Nelson Etchegoyen em 1926.

Borges de Medeiros acabou cumprindo o seu quinto mandato e foi substituído em 1928 por Getúlio Vargas, também do PRR, sem que houvesse uma candidatura da oposição. Depois de ter criado o Bannrisul para subsidiar a produção agrícola, obteve o apoio de Assis Brasil e dos pecuaristas e, em 1930, juntou os gaúchos de lenços brancos e colorados, formando a Frente Única para concorrer à presidência do Brasil, chegando ao poder através da Revolução de 30.

Conforme vimos até aqui, grande parte dos estudiosos da revolução de 1923 trabalham os fatos determinantes e as personalidades de destaque. Muito embora essas questões sejam de extrema importância para compreendermos o processo de uma revolução, muitas das pessoas que estiveram junto de Zeca Netto, Flores da Cunha, Estácio Azambuja ou Firmino de Paula e Silva foram silenciadas quando da escrita da história. Mulheres, negros, indígenas, minorias que foram maioria nesse processo, ainda não receberam a devida atenção por parte dos pesquisadores.

Essa questão se deve ao fato, também, de pouca documentação ter chegado até nós. Na pesquisa histórica, por exemplo, conseguimos traçar trajetórias e biografias através de documentos e vestígios deixados por essas pessoas. E das que participaram da Revolução de 1923, pouca coisa restou. Por tal motivo, finalizamos o *e-book* tornando visível a atuação de dois grupos quase invisibilizado pelo tempo: o das mulheres e o dos homens do povo.

A respeito das mulheres, é de grande importância referenciar o seu importante papel nos hospitais de guerra. Sempre que se fala em revolução, pensamos em combates, escaramuças, vencidos e derrotados. Mas e os feridos? Qual rumo tomavam? É precisamente nesse ponto que a atuação das mulheres ganha destaque, sobretudo quando as observamos atuando nas unidades da Cruz Vermelha. O trabalho dessas mulheres ganhou destaque quando foi publicado, em 1924, o conhecido *Álbum dos Bandoleiros*. Afora todo o registro visual do conflito, o trabalho das enfermeiras, ou *bandoleiras*, foi bastante destacado nessa publicação.

Sobre uma dessas mulheres, porém, gostaríamos de fazer um breve registro: Olmira Leal de Oliveira. Sua trajetória é ímpar nesse contexto da revolução. Aos 21 anos alistou-se como enfermeira voluntária no 1º Regimento de Cavalaria de Santa Maria. Olmira, porém, não atuou apenas como enfermeira no conflito. Foi além. Participou dos combates e chegou a se alistar com o nome de Olmiro para que sua condição de mulher não impedisse, como muitas vezes observamos na história, a sua entrada em um campo exclusivamente masculino.

Cabo Toco, como ela ficou conhecida, até alguns anos atrás, seguia sendo uma desconhecida. Passou bom tempo morando em um asilo na cidade de Cachoeira do Sul em condições bastante precárias. Seus feitos e, sobretudo, sua coragem em adentrar o espaço masculino nos anos 20, por muito tempo foram esquecidos. Segundo o estudo de Renata C. Silva, Cabo Toco só foi reconhecida em 1987 quando Fátima Gimenez interpretou a música *Cabo Toco* na 5ª Vigília da Canção Gaúcha. De autoria de Nilo Bairros de Brum e Heleno Gimenez, a canção narra a valentia e coragem daquela que foi a primeira mulher a integrar as grupamentos militares durante uma revolução no Rio Grande do Sul.



Cruz Vermelha e um ferido
DAL FORNO, Rodrigo (2015)



Cabo Toco e Fátima Gimenez na 5ª Vigília do Canto Gaúcho – 1987
SILVA, Renata Colbeich (2017)

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de sublinhar o importante papel que homens, de diferentes espaços, trajetórias e etnias tiveram na Revolução de 1923. Pessoas simples, muitas vezes sem nenhuma instrução, que viviam do seu trabalho em estâncias, foram arregimentados para lutar ao lado de seus patrões. Os maragatos, por exemplo, formaram suas milícias com seus parentes, compadres, afilhados, peões e desempregados rurais, muitos deles comparecendo aos campos de batalha apenas com lança, espada e armas geralmente com pouca munição.

Mesmo que hoje não saibamos seu nomes, seus rostos ficaram registrados em inúmeras fotografias. Não os conhecemos, como a muitos que estiveram na revolução, mas os vemos. Em cada feição, em cada olhar que observamos, conseguimos abrir espaço a esses

tantos que, muitas vezes apenas carregando a coragem e a lança, lutaram em prol de um ideal e que foram a essência do gaúcho.



Oficiais das forças do Coronel Jango – 1923

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul



Revolucionários de Honório Lemos – 1923

Arquivo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Em plena Revolução Farroupilha, mais especificamente em 18 de novembro de 1837, nasce a corporação militar designada Força Policial, instituição quase bicentenária que, pelo Ato nº 357, de 15 de outubro de 1892, do então presidente interino do Estado, Fernando Abbott, passa a denominação de Brigada Militar.

Confundindo-se com a própria história do nosso Estado, a Brigada Militar participa ativamente de combates importantes da conjuntura não só do nosso Rio Grande do Sul, mas também do país, enviando suas tropas para a Guerra do Paraguai, onde ombreou com o Exército Imperial em batalhas como as de Tuiuti e Avaí.

Em 1893, tem participação decisiva nos combates da Revolução Federalista, tendo o seu batismo de fogo no Combate do Salsinho, participando ainda de enfrentamentos em Inhanduí, Upamoroti, Restinga, Piraí, Serrilhada, Cerro Chato, Rio Grande, Mariano Pinto, Mato Castelhana, Mato Português e Rio Negro, tendo, ao final do movimento revolucionário, retornado ao aquartelamento onde passa a aperfeiçoar o seu efetivo, atuando então na missão precípua de “zelar pela segurança pública, manutenção da República e do Governo do Estado, fazendo respeitar a ordem e executar as leis, em todo o território sul-rio-grandense”, missão cumprida com esmero, dedicação e sacrifício da própria vida de muitos dos seus integrantes, até os dias atuais.

Contextualizada em brevíssimo histórico as origens da milícia gaúcha, há de se destacar então a participação da Briosa na Revolução de 1923, que dividiu o Rio Grande do Sul entre maragatos e chimangos, sendo o coronel Afonso Emílio Massot o comandante à frente da Corporação no movimento que colocava de um lado Antônio Augusto Borges de Medeiros e de outro Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Em todos os rincões do nosso estado, houve a necessidade de organizar brigadas e forças provisórias que cooperaram com as tropas governistas, destacando-se a 1ª Brigada, ao norte, comandada pelo general Firmino de Paula; a 4ª, no nordeste, comandada pelo coronel Firmino Paim Filho; a 3ª, no sul, do coronel Juvêncio Lemos; no centro, a do coronel Claudino Nunes Pereira; e, a oeste, a 2ª, comandada pelo coronel José Antônio Flores da Cunha. Destacaram-se, ainda, o 2º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar e os Fronteiros da República.

Não menos importante foi a criação e participação de vários corpos provisórios e isolados, destacando-se o de São Borja, comandado pelo Dr. Getúlio Vargas, o de Osório, pelo tenente-coronel Alfredo Weber, o de São Luís, pelo tenente-coronel Raimundo Neto, e o de Guaporé, pelo tenente-coronel Paula Feijó.

A história nos conta que, com a aproximação da eleição presidencial, ocorrem turbulências políticas ainda em 1920, quando então Borges de Medeiros anuncia a sua candidatura e, diante da possibilidade de reeleição para o seu quinto mandato, uma aliança formada pelos opositores do governo lança a candidatura de Assis Brasil.

Em todos os rincões do nosso estado, houve a necessidade de organizar brigadas e forças provisórias que cooperaram com as tropas governistas, sob o comando do comandante-geral da Corporação, coronel Afonso Emílio Massot, e a supervisão de Borges de Medeiros.

Embora se tratando de um movimento revolucionário, não chegaram a ocorrer combates de grande envergadura como nos movimentos anteriores, mas sim típicas lutas de guerrilha, sem que houvesse encontros decisivos.

Durante o movimento de 1923, conforme registros existentes, a Brigada Militar combateu em Passo Fundo, Estância da Serra, Passo da Juliana, Lagoa Vermelha, Passo do Guedes, Santa Maria Chica, Picada do Aipo, Ibirapuitã, Carajzinho, Ibicuí da Armada, Uruguaiana, Alegrete, Poncho Verde, Parada Chagas, Marco do Lopes, Capão Bonito, Passo do Mendonça, Erebangó, Desvio Giareta, Morro Pelado, Vapor Velho, Capão Alto, Vista Alegre, Quatro Irmãos, Quaraí e Pelotas. É de se dizer, embora a bibliografia seja muito reduzida, que os Corpos Provisórios, supervisionados pela Brigada Militar, envolveram-se em combates em diversos municípios, especialmente os da fronteira.

Ponto importante foi a retomada de Pelotas que acaba por disparar a instalação do hoje 4º Batalhão de Polícia Militar (4º BPM) em 1924, sendo que no próximo ano comemorará o seu centenário. Outro importante legado para a Brigada Militar no ano da Revolução foi a criação da Aviação da Brigada Militar, idealizada pelo coronel Massot em 1917, mas efetivamente criada em 1923.

Na esteira do conflito, em sete de novembro de 1923, com a intermediação do ministro da Guerra, o general de divisão Fernando Setembrino de Carvalho, é assinado um acordo provisório de armistício e, em 14 de dezembro, assinado então o Pacto de Pedras Altas, que marca o fim do movimento e impõe mudanças na Constituição Estadual de 1891, estabelecendo a impossibilidade de reeleição.

Nesse ano em que se comemora o centenário da Revolução de 1923, diversos municípios estão realizando eventos comemorativos, denominados de *roda de conversa*, enaltecendo os fatos ocorridos naquela localidade.

Assim, irmanados, a Justiça Militar Estadual, Brigada Militar e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul estão organizando um grande evento, a ser realizado no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, no próximo dia 15 de dezembro, quando se comemorará o centenário da assinatura do Pacto de Pedras Altas.



Foto do acervo da Brigada Militar

Treinamento ministrado pela Brigada Militar aos grupamentos dos Batalhões Provisórios

Cel. Paulo Roberto Mendes Rodrigues

Desembargador Militar TJM

Quando trabalhamos voluntariamente por uma causa, desejamos que essa seja sempre coroada de êxitos, por isso entregamos um tanto do nosso tempo e força a favor dela. Muitas pessoas perguntam a razão pela qual nos dedicamos tanto a certas causas sem receber nenhum ganho por isso. Mas nós temos um ganho. O nosso ganho é ver essa causa alcançar o sucesso que merece.

Nós, tradicionalistas, não somos os únicos que nos engajamos a favor de um conjunto de ações, sejam elas idealistas ou humanitárias. Porém, nós, tradicionalistas, engajamo-nos em ambos os casos. Defendemos uma tradição, uma história, um patrimônio cultural, representamos nosso povo, o nosso ideal. Ao mesmo tempo, em diversas ocasiões, estivemos a postos para auxiliar a sociedade no que fosse preciso, oferecendo nossa mão de obra e nossos galpões para auxiliar o povo gaúcho.

Até chegarmos a esse nível de singularidade como população, passamos por momentos adversos que fizeram com que os gaúchos tivessem comportamento diferenciado de outros. Nascemos sozinhos na pampa, sem lei e sem rei. Mas, mesmo assim, brigamos para dizermos que esse chão era nosso. Em diversas ocasiões, tivemos que provar a nossa bravura frente a desmandos tanto de fora como de dentro do país. Esse dom para continuar brigando pelo que acreditávamos fez com que algumas vezes entreverássemos entre nós mesmos. Gaúcho contra gaúcho, irmão contra irmão.

Logo após a Proclamação da República, o Brasil demorou para se equilibrar social, financeira e politicamente. Em alguns estados, não foi diferente, e o Rio Grande do Sul foi um deles. Ainda no século XIX, passamos pela Revolução Federalista, que deixou um rastro de sangue em nossos campos. Em 1923, uma forte crise política que se arrastava por muito tempo, somada a uma crise econômica fomentada pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, falta de apoio político e financeiro do governo federal e também do estadual, somados com a contrariedade da elite pecuarista e política com o formato de governo do Estado, fez com que chefes políticos da oposição, apoiados pelos pecuaristas gaúchos, arregimentassem efetivos para pegar em armas e, em uma tentativa quase suicida, tentar derrubar o governo.

Tendo como líder Assis Brasil, os revoltosos (maragatos) se armaram rudimentarmente e, usando táticas de guerrilha, atacavam as tropas bem armadas e mais numerosas de Borges de Medeiros (chimangos). Depois de 11 meses de combates Rio Grande afora, muitas mortes, propriedades saqueadas, cidades invadidas e grande prejuízo social e financeiro, ambos os lados resolveram chegar a um acordo para depor as armas.

Condições foram impostas pelos dois lados. Algumas aceitas outras não. No fim, chegaram a um acordo. Borges de Medeiros continuou no governo até 1928, mas, dentre outras mudanças, não haveria mais reeleições, os intendentess seriam eleitos e não mais indicados, as eleições seriam fiscalizadas pelo governo federal e não mais pelo governo local, não houve retaliações contra os revoltosos.

Apesar de parecer de pouca importância, a Revolução de 1923 mudou os rumos da política gaúcha e, quem sabe, da política brasileira. Não podendo se reeleger, Borges de Medeiros foi substituído por Getúlio Vargas. Isso abriu caminho para que Vargas se candidatasse a presidência, culminando com a Revolução de 1930 e a chegada de Vargas ao poder, iniciando, assim, um novo período político no Brasil.

ANEXO I

UMA CRONOLOGIA DOS COMBATES E ESCARAMUÇAS NA REVOLUÇÃO DE 1923

Foram aqui reunidos os 72 eventos mais importantes em que foram invadidas cidades e aqueles confrontos armados em que tiveram mortos e feridos. Foi feito um brevíssimo relato de um parágrafo de cada momento histórico.

- **Em 25 de janeiro**, o deputado opositor Artur Caetano da Silva, o tenente-coronel Mena Barreto e o coronel Salustiano de Pádua, com três mil homens, realizavam um cerco à cidade de Passo Fundo, dando início à rebelião que pretendia depor do governo do Estado Borges de Medeiros. Na madrugada de **27 de janeiro**, tropas maragatas atacaram a cidade de Palmeira, efetuando alguns disparos.

- **No dia 30 de janeiro**, trens com as tropas da Brigada Militar se aproximam de Passo Fundo, e os maragatos, armados apenas de lanças, pistolas de dois canos, alguns revólveres e armas de caça, debandaram em várias direções.

- **Em 1º de fevereiro**, as forças maragatas de Leonel Rocha atacaram Palmeira, trocando tiros com as sentinelas, retirando-se para o seu acampamento.

- **Em 26 de fevereiro**, o piquete maragato do coronel Mena Barreto chocou-se com o 2º Corpo de Provisórios do tenente-coronel Valzumiro Dutra, e acabaram morrendo os maragatos Francisco Correa Moura e o médico Gustavo Staller.

- **Em 28 de fevereiro**, o general maragato Zeca Neto com 250 homens invadiu Camaquã, e os funcionários públicos e policiais fugiram da cidade.

- **Em 1º de março**, na mata de Votouro, Martin Cavalcanti e mais 25 soldados perseguiram o maragato Zeca Ferreira. Foram surpreendidos e acabou ferido o guia e um cabo, mas, quando acionadas as metralhadoras legalistas, os revoltosos fugiram. Na mesma data, a localidade de Pinhal, hoje município de Esmeralda foi atacada por maragatos, que mataram cinco legalistas. Nessa mesma data, no extremo sul do estado, o general Zeca Neto derrotou os legalistas na Lagoa das Guampas, em Camaquã.

- **Em 3 de março**, os milicianos de José Ferreira derrotam as forças legalistas comandadas pelo capitão Jaime José Machado, em Votouro.

- **Em 5 de março**, o general maragato Felipe Portinho combate e derrota as forças legalistas na região da Sede Nova, atualmente Paim Filho, travando combate com os legalistas chefiados pelo Dr. Luís Gonzaga de Azevedo.



Acampamento do destacamento do General Portinho na Serra

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

- **Em 6 de março**, em Campos Novos, as tropas do General Firmino de Paula travam combate com as forças maragatas do General Mena Barreto e o Coronel Leonel Rocha. As tropas maragatas de Mena Barreto recuam e acampam em Carazinho. Ministro da Justiça recebe denúncia de que nesse dia foram degolados sete pessoas.

- **No dia 6 de março**, os moradores de Lagoa Vermelha fugiram em caminhões, carroças, e cavalos para Vacaria, Nova Prata e o mato da região, pois a cidade foi tomada pelos rebeldes que traziam uma bandeira com a inscrição “independência ou morte”.

- **Em 13 de março**, sem encontrar resistência, um piquete do maragato Miguel de Revoredo invadiu a Vila de Paiol Grande, Erechim, prendendo a Guarda Municipal e libertando da cadeia 23 homens e uma mulher. Na ocasião levaram uma grande quantidade de munição. O intendente municipal, coronel Celestino Franco e o juiz Humberto Ricci fugiram para Santa Maria. O capitão Temístocles Uchoa é nomeado pelo General Portinho para cargo de intendente municipal do Governado Revolucionário.

- **Em 14 de março**, uma tropa de 600 homens da Brigada Militar sob o comando do coronel Amadeu Massot, marcha para Camaquã e as forças do general Zeca Neto, que se encontravam acampados nas imediações, retiraram-se para Canguçu. O intendente Dr. Raul Azambuja abandonou a cidade, levando o arquivo da intendência, armas e munição.

- **Em 16 de março**, mantendo a sua estratégia de tropa em movimento, Zeca Neto abandona Canguçu e dirige-se para a Pelotas, acampando a 40 quilômetros da cidade. Troca tiros com tropas dos governo próximo a Capão do Leão.

- **Em 17 de março**, policiais em Uruguaiana prendem o Dr. Batista Luzardo, diretor do jornal A Nação.

- **Em 19 de março**, em Lagoa Vermelha, as forças de Felipe Portinho chegam para reforçar

a tropa de Salustiano de Pádua e atacam o 2º Batalhão da Brigada Militar, comandado pelo coronel Januário Correia. Depois de um cerrado tiroteio de duas horas, os rebeldes, sem munição, batem em retirada. As informações sobre o número de mortos e feridos é contestada pelas partes envolvidas no combate.

- **Em 23 de março**, as forças do general Zeca Neto acampam perto de Herval, dominando o interior dos municípios de Canguçu e Piratini, Na mesma data, o general Honório Lemes ataca Alegrete, vence as forças governistas e, em 28 de março, é empossado um novo intendente maragato, o Dr. Juvenal Saldanha.



Chegada de Honório Lemes em Alegrete

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

- **Em 31 de março**, Zeca Neto dividiu suas tropas em duas colunas: Uma tomou o 5º Distrito de Caçapava e a outra dirigiu-se para Encruzilhada, onde recebeu as chaves da intendência do funcionário escrevente, Antônio João Mendelski. Zeca Neto limitou-se a retirar o retrato do Borges de Medeiros do Salão Nobre, recebeu homenagens e retirou-se de Encruzilhada com seus 600 homens.

- **Em 1º de abril**, o general Honório Lemes toma a cidade de Quaraí, substituindo o governo local e destruindo o jornal "O Cidadão", órgão do Partido Republicano Rio-Grandense – PRR. Depois sua tropa marcha para Uruguaiana e, no dia **3 de abril**, realiza um cerco à cidade, que estava sendo defendida por 400 homens comandados por Flores da Cunha, um grupo de Itaqui chefiado por Osvaldo Aranha e 40 soldados do 2º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar vindos de Alegrete. Após dois dias de sítio e inúmeros ataques, sem obter êxito, Honório Lemes retira-se de Uruguaiana, sendo que uma parte da tropa retornou para Quaraí e a maior parte seguiu para a Serra do Caverá, no Alegrete. Esse combate produziu pesadas baixas em ambos os lados.

- **Correio do Povo do dia 5 de abril de 1923, noticiava:** "Forças do general Netto aproximam-se desta vila, parecendo que com intuitos de ataca-la. As forças do governo preparam-se

para a resistência. As famílias, tomadas de pânico, fogem em automóveis. Hoje á tarde, aumentou o alarma nesta villa, com a aproximação de forças do general Netto, que chegaram as minas do Butiá, seis leguas distante daqui, tendo efectuado várias prisões, já relaxadas. Diversas famílias abandonaram esta villa, uma seguindo para essa capital e outras para a villa do Triunfo. Alguns funcionários estaduais também se ausentaram, tendo outros se incorporado ás forças do governo, que estão preparadas para a resistencia. Consta aqui que as forças revolucionarias sitiarão esta villa pela madrugada, pretendendo invadi-la de manhã". Zeca Neto mandou desmontar as máquinas de extração de carvão nas minas e Butiá e do Leão.

- **Em 14 de abril**, a cidade de Santiago é cercada por 800 maragatos.

- **Em 16 de abril**, o general maragato Zeca Neto, na frente de 2500 homens, invade novamente Camaquã, porém, com a aproximação do coronel Juvêncio Lemos, obriga os maragatos a abandonarem a cidade.

- **Em 17 de abril**, depois de seguir no encalço dos rebeldes, no Passo do Mendonça no rio Camaquã, as tropas governistas do coronel Juvêncio Lemos lutaram da uma da madrugada às 11 horas da manhã, produzindo muitos mortos e feridos de ambos os lados. Zeca Neto com pouca munição retirou-se rumo a Bagé. O tenente-coronel Francelísio Meireles combateu os rebeldes do grupo de Zeca Neto, em **23 de abril**, no passo do Pantanoso e na coxilha do Fogo, entrando logo após na vila de Canguçu.

- **Em 1º de maio**, a primeira locomotiva puxava quatro vagões blindados, com 180 soldados e uma explosão de dinamite fez tombar a locomotiva e o primeiro carro. Os rebeldes atacaram os soldados durante 20 minutos e depois fugiram para a localidade de Quatro Irmãos. Os governistas tiveram muitos mortos e feridos com o tombamento do trem.

- **Em 1º de maio**, junto à Estação Santa Rita, na linha férrea entre Sant'Ana do Livramento e Rosário, trava-se violento combate entre as forças legalistas do coronel Claudino Pereira e os maragatos de Honório Lemes, Gaspar Saldanha e Padão.

- **No dia 7 de maio**, o 1º Corpo Provisório, comandado pelo tenente-coronel Miguel da Cunha Sobrinho (Sinhô Cunha), atacou a pequena ponte do Passo da Cruz, mas foi repellido pelos maragatos. Nesse mesmo dia, em Bagé, os federalistas tiveram mais de 40 mortos, muitos feridos, alguns prisioneiros e perderam cagueiros, barracas e 300 cavalos, segundo telegrama do coronel Juvêncio Lemos dirigido a Borges de Medeiros.

- **Já no dia 8 de maio**, o coronel maragato Adalberto Corrêa, que fazia a vanguarda do general Honório Lemes, derrotou com uma carga de cavalaria as forças do coronel chimango Nepomuceno Saraiva, no Passo do Guedes.

- **Em 9 de maio**, os rebeldes, sob o comando de Castelo Branco, entraram em Bom Jesus e expulsaram as autoridades.

- **No dia 10 de maio**, foram reunidas as tropas maragatas de Zeca Neto e de Honório Lemes e ocuparam diferentes pontos do município de Bagé.

- **Em 11 de maio**, próximo a São Gabriel, as forças de Nepomuceno Saraiva e Francisco Flores caíram em uma emboscada coordenada pelos maragatos, resultando em muitos mortos e feridos..

- **Em 13 de maio**, as forças do general maragato Estácio Azambuja trocam tiros com as tropas chimangas do coronel Claudino Pereira e Nepomuceno Saraiva. Os governistas prenderam o maragato coronel Pedroso.



Oficiais da coluna do general Estácio Azambuja

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul



Adão Latorre na Revolução de 1923

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

- **Em 15 de maio**, em Quaraí, os maragatos recebem armamento e munição vindos da Argentina e, no mesmo dia, **em Dom Pedrito**, general Flores da Cunha, com o apoio de Claudino Nunes Pereira da Brigada do Centro, impõe forte derrota às forças do general Estácio Azambuja. Nesse combate do Rio Santa Maria Chico, é morto o coronel Adão Latorre, federalista que havia lutado na Revolução de 1893.

- Os federalistas derrotados em Dom Pedrito se refugiaram na Vila de Lavras em **18 de maio**.
- **Em 20 de maio**, as forças do general Honório Lemes invadem São Gabriel, permanecendo por algumas horas, retirando-se à cidade para acamparem no Arroio do Branquilha, na Serra do Caverá.

- **Em 1º de junho**, o general Flores da Cunha, com 200 homens, que se deslocou de trem para

São Gabriel, surpreende com um ataque às tropas do general Honório Lemes, que ofereceram uma fraca resistência e bateram em retirada, deixando 20 mortos e vários feridos.

- **Em 4 de junho**, os maragatos Leonel Rocha atacam Erechim, e, na mesma data, o general Mena Barreto ataca a vila de Palmeira. A luta prolongou-se por quatro horas, e os chimangos abandonaram as trincheiras e abrigaram-se nas casas da Vila, de onde atiravam. Mena Barreto deu ordem de retirada para não sacrificar as famílias. Tiveram quatro mortos e 14 feridos.

- **Em 5 de junho**, nas costas do Rio Quaraí próximo à picada do Aipo, as tropas do general Flores da Cunha atacam as forças do maragato coronel Chiquinote Pereira, o qual acaba montando uma linha de defesa no campo Osório, e, logo após, atravessam o Rio Quaraí e refugiam-se no Uruguai.

- **Em 6 de junho**, as tropas legalistas do tenente-coronel Francelísio Meireles atacam a retaguarda de Zeca Neto no 2º Distrito de Piratini. O general Zeca Neto conseguiu escapar fugindo para Canguçu.

- **Em 9 de junho**, o maragato general Filipe Portinho apoderou-se da Vila de Erechim, abandonada pelas tropas legalistas.

- **Em 15 de junho**, de madrugada, as tropas legalistas de Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva entram em Quaraí, efetuando diversas prisões. Vasculharam as casas e recrutaram homens para os Corpos Provisórios.

- **Em 19 de junho**, no início da tarde, ocorre o **Combate na Ponte do Ibirapuitã**, entre as forças do general Honório Lemes, 120 maragatos postados a margem direita do Rio Ibirapuitã. Recebeu o reforço de mais 400 homens armados de fuzis e liderados por batista Luzardo. A tropa do general Flores da Cunha, formada por 500 homens bem armados e com metralhadoras, chegaram para apoiar o grupo de Nepomuceno Saraiva. Após intensos tiroteios, Honório Lemes ordenou a retirada, refugiando-se na Serra do Caverá. Nesse combate, foram feridos Osvaldo Aranha e o coronel Oscar de Souza. Dentre 60 mortos, estava Guilherme, irmão do general Flores da Cunha. Do lado dos maragatos, ficaram três oficiais feridos, perdendo dez homens e muitos cavalos.

- **No dia 23 de junho**, o general Firmino de Paula venceu uma emboscada em Capoerê contra as tropas maragatas de João Fagundes e Amaro José do Prado. No mesmo dia, aconteceu o combate no Desvio Giaretta, que era um desvio da Viação Férrea, destinado ao carregamento de vagões de madeira. Seguindo as ordens do presidente do Estado, Borges de Medeiros, o general Firmino de Paula comandante de uma tropa constituída de 500 homens bem armados, com armas de repetição e metralhadoras, desloca seus homens em direção a Erechim em trem com dez vagões blindados, mas foram surpreendidos pela tropa revolucionária de Felipe Portinho, que explodiu a estrada de ferro, travando um intenso combate, que resultou em mais de 50 mortos e 70 feridos dos chimangos, quatro mortos e oito feridos dos maragatos.

- **Em 27 de junho**, o general Filipe Portinho trava combate com a tropa do general Firmino de Paula, próximo a Paiol Grande. Os legalistas retiraram-se protegidos por soldados do Exército Brasileiro, escapando da tropa de Felipe Portinho em direção a Passo Fundo. Os revoltosos tiveram 13 homens fora de combate entre mortos e feridos, enquanto os borgistas alcançaram 150 baixas.

- **Em 28 de junho**, em Inhandiju, São Borja, a tropa de Ladário Nogueira entrou em combate com as forças governistas sob o comando do tenente-coronel Deocléciano Mota e Protásio Vargas, ocorrendo uma morte e deixando seis feridos. O chefe maragato Ladário Nogueira morreu em combate.

- **Em 4 de julho**, os maragatos de Leonel Rocha atacaram Palmeiras. Depois de sete horas de intenso tiroteio, Leonel Rocha retirou-se para Tesouras, Distrito de Palmeira.
- **Em 7 de julho**, as forças do general Estácio Azambuja estavam acampadas na costa do Arroio Canta Galo, Caçapava, quando foram atacadas pelos governistas. Os rebeldes bateram em retirada.
- **Em 11 de julho**, o general libertador Estácio Azambuja enviou seu imediato, o coronel Toribio Gomes Soares, à conquista de Caçapava. O coronel ocupou os velhos fortes do município, cercado a cidade que possuía pouca guarnição. Após uma hora de luta, Caçapava foi tomada com uma morte e três feridos do lado governista.
- **No dia 13 de julho**, as tropas maragatas se retiraram de Caçapava para se juntarem com os comandados por João Simões, que também abandonaram São Sepé. Nessa mesma data, Osvaldo Aranha saía com sua tropa legalista em perseguição ao Hortêncio Rodrigues, que se dirigia a São Francisco de Assis com 400 maragatos, mas mudou de direção e entrou em Santiago do Boqueirão no dia 17 de julho. O intendente Lucas Oliveira resistiu com um grupo de 50 homens, repelindo o ataque a cidade.
- **Em 17 de julho**, em Passo Fundo, as forças do maragato Leonel Rocha travam combate com as tropas chimangas, sendo que os revoltosos tiveram 12 baixas entre mortos e feridos e os governistas tiveram apenas 4 feridos. Na mesma data, em Canguçu, as forças do general Zeca Neto travam combate com a coluna do coronel Chimango Francelísio Meireles, que foi empurrada para o meio do mato.
- **No dia 25 de julho**, as tropas governistas com 250 provisórios, sob o comando do major Guarani de Bem, retomam São Sepé.
- **No início de agosto**, o coronel Mena Barreto, com uma tropa de 700 rebeldes, invade Carazinho, prendendo várias pessoas, danificando o centro telefônico e requisitando mercadorias e cavalos.
- **Em 4 de agosto**, Honório Lemes foi receber armas junto ao Rio Quaraí e foi surpreendido por uma carga de cavalaria das tropas governistas de Flores da Cunha, Nepomuceno Saraiva e Osvaldo Aranha. Honório Lemes retirou-se, ficando em combate os coronéis maragatos Francelino de Barros e Hortêncio Rodrigues, que perderam 30 homens das suas tropas e mais de cem ficaram feridos.
- **Em 7 de agosto**, outro piquete, com 150 rebeldes comandados por Frederico Ebling, volta a atacar Carazinho para realizar novas requisições à força.
- **Em 15 de agosto**, em Canguçu, o general Zeca Neto é atacado de surpresa pelas tropas governistas dos coronéis Hipólito Ribeiro e Antônio Nunes, do major Aldrovando Ribeiro e capitão Varella. Esse combate durou oito horas, deixou 14 mortos, muitos feridos e prisioneiros. Zeca Neto bateu em retirada.
- **Em 23 e 24 de agosto**, Honório Lemes com 500 maragatos invadiu Dom Pedrito.
- **No dia 3 de setembro**, o general Honório Lemes trava um violento combate em Ponche Verde, vencendo completamente os chimangos Nepomuceno Saraiva, Sinhô Cunha e Manoel Pedroso. Fez 38 prisioneiros, tomou nove carroças, 68 cavalos encilhados, 234 fuzis Mauser e muita munição.
- **Em 5 de setembro**, o general Estácio Azambuja trava combate com as tropas governistas do coronel Claudino no local conhecido como Cerca de Pedra. Os maragatos retrocedem rumo a São Sepé.

- **No dia 6 de setembro**, o vice-intendente de Pinheiro Machado, por telegrama, informa que 70 rebeldes invadiram a cidade.

- **Em 9 de setembro**, o coronel Claudino com 150 homens alcançou a tropa do general Estácio Azambuja no Passo da Juliana, em São Sepé. Travam combate e dez maragatos morrem; e perdem muitos cavalos. As tropas governistas tiveram um soldado e um oficial feridos.

- **Em 13 de setembro**, próximo a Quatro Irmãos, o 1º Corpo da Brigada do Norte, com 250 homens sob o comando do tenente-coronel Dumoncel Filho, trava violento combate com as forças do Filipe Portinho, que rumou para o leste. Os governistas tiveram seis mortos e 23 feridos.

- **Em 17 de setembro**, o grupo revolucionário de Honório Lemes entrou em Quaraí depois de intenso combate. Os legalistas se refugiaram em Artigas – Uruguai. Houve imposição para contribuição de guerra ao comércio local, e o dono de uma charqueada que se negou a pagar a contribuição teve o seu estabelecimento queimado.

- **No dia 18 de setembro**, Flores da Cunha, com um piquete de 44 homens, aproximou-se de Quaraí, os maragatos federalistas foram desbaratados e em fuga cruzaram o Rio Quaraí. A tropa de Honório Lemes abandonou a cidade, batendo em retirada até o Cerro do Jarau; o piquete de Flores da Cunha marchou em perseguição a Honório Lemes.

- **Em 23 de setembro**, as forças maragatas de Filipe Portinho, com 900 homens, tomam Vacaria depois de violento combate, que durou três horas e deixou muitos mortos e feridos. O próprio Felipe Portinho foi visitar os feridos no hospital e entregar um prisioneiro, o filho do tenente-coronel Feijó, comandante legalista derrotado. Sendo informado da aproximação das forças legalistas de Firmino Paim, Felipe Portinho, com escassez de munição que lhe permitisse continuar em combate aberto com as forças legalistas, resolve tomar o rumo dos Aparados da Serra e sendo sempre perseguido de muito perto pelas forças legalistas, acaba se refugiando em Santa Catarina.

- **No dia 2 de outubro**, a Vila de São Francisco de Assis estava sitiada pelos maragatos, o coronel João Batista Luzardo e o coronel Trajano com sua pequena tropa de Dom Pedrito. Honório Lemes não participou desse combate, ficando acampado com seu agrupamento, esperando os acontecimentos. O intenso tiroteio com as tropas governistas que estavam entrincheiradas produziu 28 feridos e 23 mortes, dentre eles, o intendente Estevão Brandão e o delegado de Polícia, que participaram do combate ao lado das tropas legalistas.

- **Em 3 e 4 de outubro**, Honório Lemes e seu grupo de maragatos ocuparam rapidamente as cidades de Santiago e Jaguari, que não ofereceram resistência.

- **No dia 10 de outubro**, Honório e seu grupo pelejaram contra as forças legalistas nos Campos do Itaroquém, São Borja. O comandante maragato apreendeu 800 cavalos, carroças, cerca de 100 armas e munição. As tropas governistas tiveram mais de 100 mortes, a maioria por afogamento.

- **No dia 16 de outubro**, Flores da Cunha no encalço de Honório Lemes, acampa no Rincão de Santana e envia um piquete de 20 homens para reconhecimento do local; encontram-se com outro grupo de maragatos. Trocaram tiros e mataram seis rebeldes.

- **Em 17 de outubro**, Flores da Cunha conseguiu alcançar o acampamento de Honório Lemes em Carajzinho, mas os rebeldes reagiram à investida dos soldados legalistas, e a partir dessa localidade empreendeu a chamada descida ou Volta da Serra, em direção sul;

- **No dia 21 de outubro**, ocupou rapidamente a Vila de São Pedro e retornou ao seu refúgio no Caverá, completando 20 dias de movimentação contínua, obrigando o inimigo, as tropas

legalistas comandadas pelo seu arquinimigo Flores da Cunha, a uma tenaz e custosa perseguição.

- **Em 14 de outubro**, as forças do general Zeca Neto travam combate com as forças governistas próximo a Piratini.



Zeca Neto chega a Pelotas

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

- **Em 27 de outubro**, um piquete, comandado por Flores da Cunha, encontrou rebeldes na localidade de Olhos D'Água 3º distrito de Bagé e inicialmente teve que recuar, mas, com a chegada do 2º Regimento, comandado pelo tenente Tácito dos Santos e sua artilharia de metralhadoras, os maragatos tiveram que recuar. Essa batalha deixou muitos mortos e feridos de ambos os lados.

- **Em 1º de novembro**, chega a Porto Alegre o general do Exército Setembrino de Carvalho e inicia as tratativas, reuniões e conferências com as lideranças políticas e militares dos dois lados envolvidos nessa revolução. Há confusão generalizada na Rua dos Andradas.



Rua dos Andradas no dia 1º de novembro de 1923

Acervo da fototeca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

- Finalmente, **em 14 de dezembro de 1923**, um acordo provisório de armistício foi assinado por Assis Brasil e Borges de Medeiros. O Acordo de Pedras Altas permitiu que Borges de Medeiros cumprisse aquele mandato até 1928 e determinou o ajustamento do sistema eleitoral do Rio Grande do Sul aos padrões das eleições federais. Mesmo assim continuaram ocorrendo pequenas contendas e escaramuças, e o Rio Grande do Sul será pacificado em um período histórico posterior.

ANEXO II

O TRATADO DE PACIFICAÇÃO DO CASTELO DAS PEDRAS ALTAS

- 1°. A reforma do artigo 9° da Constituição, proibindo a reeleição do presidente para o período presidencial imediato. Idêntica disposição quanto aos intendentess.
- 2°. Adaptação às eleições estaduais e municipais da legislação eleitoral federal.
- 3°. Consignar ao projeto de reforma judiciária uma disposição que conceda à justiça ordinária a atribuição de julgar os recursos referentes às eleições municipais.
- 4°. As nomeações de intendentess provisórios serão sempre limitadas aos casos de completa acefalia administrativa, quando em virtude de renúncia, morte, perda de cargo ou incapacidade física, ou por falta de eleição, não existirem intendentess, vice-intendentess e conselhos municipais.
- 5°. Os intendentess provisórios procederão às eleições municipais no prazo improrrogável de sessenta dias, a contar da data das respectivas nomeações.
- 6°. O vice-presidente será eleito ao mesmo tempo e da mesma forma que o presidente. Se, por qualquer causa, o vice-presidente suceder ao presidente, antes de decorridos três anos do período presidencial, proceder-se-á à eleição dentro de sessenta dias. Idêntica disposição quanto aos vice-intendentess.
- 7°. As minorias terão garantida a eleição de um representante federal em cada distrito, mesmo na hipótese de uma divisão eleitoral em número maior de distritos.
- 8°. Para as eleições estaduais o Estado será dividido em seis distritos, ficando garantida a eleição de um representante em cada distrito.
- 9°. A representação federal do Estado promoverá a imediata aprovação do projeto de anistia em favor das pessoas envolvidas nos movimentos políticos do Rio Grande do Sul e o Governo Federal dará todo o seu apoio a essa medida. Enquanto não for ela decretada, o Governo do Estado, na esfera de sua competência, assegurará às mesmas pessoas a plenitude das garantias individuais e não promoverá nem mandará promover processo algum relacionado com os referidos movimentos, que serão também excluídos de qualquer ação policial.
- 10°. O Governo Federal e o Governo do Estado, em ação harmônica, empregarão os meios necessários para a eficácia das citadas garantias a que se refere a cláusula décima.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA E PESQUISA

ANTONACCI, Maria Antonieta. **RS: as oposições & a revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

AXT, Gunter. **Gênese do estado moderno no Rio Grande do Sul (1889-1929)**. Porto Alegre: Paiol, 2011.

CALDAS, Pedro Henrique. **Zeca Netto e a conquista de Pelotas**. Porto Alegre: EST, 1993.

DAL FORNO, Rodrigo. **O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923: uma análise de política e imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920**. Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FLORES, Moacyr. **Chimangos e maragatos**. Porto Alegre: Pradense, 2014.

FRANCO, Sérgio da Costa. **A pacificação de 2023**. As negociações de Bagé. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

_____. O Partido Federalista. In: GOLIN, Tao, BOEIRA, Nelson. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos. V.3, 2007.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Entre a barbárie e a civilização: os conflitos armados no período republicano. In: GRIJÓ, Luiz Alberto, NEUMANN, Eduardo Santos (Orgs.). **Continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

JUVENAL, Amaro. **Antonio Chimango**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

PESAVENTO, Sandra. República Velha gaúcha: Estado autoritário e economia. In: DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PINTO, Celi regina Jardim. **Positivismo: um projeto político alternativo**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SILVA, Renata Colbeich da. **“Sou guerreira, sou valente, do primeiro regimento, enfermeira e combatente”**: narrativas sobre a Cabo Toco em Cachoeira do Sul. Santa Maria, 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria.

Aita, Carmen. **1923: Rio Grande do Sul: Diário da Revolução**, 2013, 1 Ed. Porto Alegre, Laser Press Comunicação.

SUGESTÃO DE ASSUNTOS PARA PROJETOS CULTURAIS

Tema Geral: Revolução Libertadora de 1923

Sistema partidário do Rio Grande do Sul na época	
Economia do Rio Grande do Sul na época - Evolução da indústria, comércio e obras	
Relação da política nacional com os acontecimentos de 1923 no Rio Grande do Sul	
Positivismo - A influência dessa doutrina no Rio Grande do Sul	
Causas da Revolução de 1923	
PRR - Partido Republicano Rio-Grandense Chimangos: Origens, ideologia, programa, seus líderes - militantes, etc.	PFR - Partido Federalista Rio-Grandense Maragatos: Origens, ideologia, programa, seus líderes - militantes, etc.
Antônio Augusto Borges de Medeiros	Joaquim Francisco Assis Brasil
A imprensa em 1923 - Jornal "A Federação"	Livro Antônio Chimango de Ramiro Barcelos
Alguns dos Comandantes Militares das Forças Beligerantes	
Brigada Militar: Efetivos e Armamentos Coronel Afonso Emílio Massot - Comando	Maragatos - Libertadores - Bandoleiros Não tinham um Comando Geral
Coronel José Antônio Flores da Cunha	Honório Lemes, o Leão do Caverá
Coronel Juvêncio Maximiliano de Lemos	José Antônio Neto, o Zeca Neto
Coronel Claudino Nunes Pereira	Estácio Azambuja
Coronel Firmino Paim Filho	Coronel Leonel da Rocha
General Firmino de Paula	Coronel Felipe Portinho
Corpos Provisórios - O que eram	Coronel João Rodrigues Mena Barreto
Cruz Vermelha - Médicos e enfermeiras	Pinheiro Machado
- A Guerreira Brigadiana: A Cabo Toco	- O Negro Revolucionário Adão Latorre
Alguns Confrontos, Batalhas e Peleias durante a Revolução de 1923	
- Combate da Ponte do Rio Ibirapuitã	- Invasão a Pelotas
- Cerco de Uruguaiana	- Combate no Rio Santa Maria Chico
- Embate na Estância da Serra	- O Confronto no Desvio Giareta
O Tratado de Pacificação de Pedras Altas ou O Castelo de Pedras Altas	
- O Documentário - Os Escondidos	- O Álbum Fotográfico "Os Bandoleiros"
- Filme: Os Senhores da Guerra	- Saraus Poético-Musicais
- Apresentação de invernada artística	- Exposições Fotográficas

Organização: Secretaria de Estado da Cultura

Aquiles Barboza da Silva

Elaboração: Instituto Histórico e Geográfico do RS

Luciana da Costa de Oliveira

Luiz Cláudio Nunes Knierin

Miguel Frederico do Espírito Santo

Colaboração:

Cesar Tomazzini Liscano

Diego Persan

Márcia Cristina Borges da Silva

Maurício Erthal

Paulo Renato Mena Rodrigues

Ricardo da Rosa Soares Filho

Roger Marcelo da Silva Rodrigues